



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**A GESTÃO ESCOLAR E O ENSINO DA LEITURA
NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Barbara Schizzi

Santa Maria, RS, Brasil

2011

A GESTÃO ESCOLAR E O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Barbara Schizzi

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista em Gestão Educacional**

Orientador: Prof. Dr. Doris Pires Vargas Bolzan
Co-orientador: Prof. Ms. Ana Carla Hollweg Powaczuk

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**A GESTÃO ESCOLAR E O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Elaborada por
Barbara Schizzi

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Doris Pires Vargas Bolzan, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Celso Ilgo Henz, Dr. (UFSM)

Eliane Aparecida Galvão dos Santos, Ms. (UFSM)

Leila Adriana Baptaglin, Ms. (UFSM)

Santa Maria, 19 de dezembro de 2011.

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele (...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo' através de nossa prática consciente.

(Paulo Freire, 1989, p. 20).

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

A GESTÃO ESCOLAR E O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

AUTORA: Barbara Schizzi
ORIENTADORA: Doris Pires Vargas Bolzan
CO-ORIENTADOR: Ana Carla Hollweg Powaczuk

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a conclusão deste. Buscou compreender, como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim, como problema da investigação temos: Como se dá a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental? Como objetivo geral definimos: Compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. E como objetivos específicos: conhecer a abordagem didático-pedagógica dos professores em relação à leitura e compreender as concepções teórico-metodológicas que sustentam as práticas de leitura na escola pesquisada. Para atender aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa sociocultural em uma escola da rede pública municipal da Santa Maria - RS. A pesquisa trabalhou com entrevistas semiestruturadas e análise documental do projeto político - pedagógico. O aporte teórico que balizou a investigação foram os seguintes autores: Ferreira (1990, 2000, 2005), Ferreira (2001), Freire (1989), Lück (2006, 2008), Silva (1988, 1995), Vasconcellos (2007) e Veiga (2006a, 2006b). Assim, a partir da pesquisa realizada compreendemos a importância da gestão democrática e participativa na escola, o quanto a sua realização pode qualificar as práticas. Na escola investigada existem projetos importantes sobre leitura, mas estes se realizam sem o apoio de todos os participantes do processo educativo. Se estes tivessem o apoio de todos na escola seriam bem mais significativos na formação dos estudantes. A escola se encontra em uma realidade de grande carência sócio-econômica, sendo um dos espaços prioritários que os alunos terão acesso à leitura, o que torna trabalho realizado nesta ainda mais importante na vida destes sujeitos. Quando todos os envolvidos no ato educativo buscam os mesmos objetivos o trabalho se torna mais significativo na formação do estudante.

Palavras-chave: Gestão escolar. Aprendizagem da leitura. Formação do sujeito.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Especialização em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

SCHOOL MANAGEMENT AND TEACHING READING IN THE FIRST YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

AUTORA: Barbara Schizzi
ORIENTADORA: Doris Pires Vargas Bolzan
CO-ORIENTADOR: Ana Carla Hollweg Powaczuk

This research was developed in the course of Specialization in Educational Management, of Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), as a partial requirement for completion of this one. It aims to understand, as the management of teaching reading in the first years of elementary school. Thus, as a problem of research we are: How is the management of teaching reading in the first years of elementary school? It was defined as general objective: To understand how the case management of teaching reading in the first years of elementary school. And the following objectives: to know the educational and pedagogical approach of teachers in relation to reading and understanding the theoretical-methodological practices that support reading in the school studied. To meet the proposed objectives, we performed a qualitative research approach in a socio-cultural public school in the city Santa Maria - RS. The study worked with semi-structured interviews and documentary analysis of the political project - teaching. The theoretical research that guided the authors were as follows: Ferreiro (1990, 2000, 2005), Ferreira (2001), Freire (1989), Lück (2006, 2008), Silva (1988, 1995), Vasconcellos (2007) e Veiga (2006a, 2006b). Thus, from the survey understand the importance of democratic and participatory management in school, how their achievement can qualify practices. At school there are important projects investigated on reading, but they take place without the support of all participants in the educational process. If they had the support of everyone at school would be more significant in students' education. The school is a reality of great socio-economic deprivation, one of the priority areas that students have access to reading, which makes this work even more important in the life of these subjects. When everyone involved in the educational aims the same goals the work becomes more significant in the formation of the student.

Keywords: School management. Learning to read. Formation of the subject.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	65
ANEXO B – Termo de Confidencialidade	68
ANEXO C – Autorização Institucional.....	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 O CONTEXTO ESCOLAR E A INSERÇÃO DOS SUJEITOS NA CULTURA ESCRITA.....	11
1.1 Educação Básica e a leitura.....	13
1.2 Formação do leitor.....	14
1.3 Gestão escolar e a qualificação dos processos educativos na escola	19
1.4 Gestão democrática e participativa: um processo em construção.....	20
1.5 Projeto político-pedagógico	25
1.6 A gestão do espaço da sala de aula.....	27
2 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO	31
2.1 Questão da pesquisa.....	31
2.2 Objetivos	31
2.2.1 Objetivo geral	31
2.2.2 Objetivos específicos	32
2.3 Abordagem metodológica para o estudo	32
2.4 Instrumentos e procedimentos de pesquisa.....	35
2.5 Contexto da investigação	36
2.6 Sujeitos da investigação	37
2.7 O processo de análise: dimensões categoriais	38
3 GESTÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS DE LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR.....	40
3.1 A Proposta oficial	40
3.2 Práticas efetivas	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	61
ANEXOS	64

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida no curso de Especialização em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a conclusão do referido curso.

A escolha da temática que norteia este estudo partiu, principalmente, de minha trajetória escolar e pessoal como leitora, que demonstra o quanto a leitura é significativa na formação do ser humano. Como coloca Freire “a compreensão crítica da importância do ato de ler veio em mim se constituindo” (1989, p.12).

A minha história de vida é permeada pela leitura e o objeto livro foi sempre uma constante e indispensável nesta trajetória. No tempo da infância, ao invés de brinquedos tive muitos livros e cadernos. Estudei em boas escolas, mas principalmente tive acesso a diferentes materiais de leitura e escrita através de minha família.

Desde criança, pude ter contato com diferentes gêneros textuais, dos clássicos da literatura infantil até os textos filosóficos e históricos. Posteriormente fui imersa nos clássicos da literatura brasileira, dos quais sou uma leitora ávida até hoje.

A minha trajetória escolar e pessoal construiu a leitora que sou e despertou essa paixão imensa que tenho pela leitura e pelos livros. Assim, por meio desta pesquisa busco compreender como ocorre à formação do leitor e o papel da escola neste processo.

Em relação a minha formação como leitora o papel da escola foi mínimo; meu maior incentivo foi o acesso aos livros que tive em casa. Por isso, minha inquietação, em investigar como se pode contribuir na formação do leitor principalmente na escola.

Esta inquietação, em investigar a formação do leitor, vem comigo desde a graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Franciscano - UNIFRA. As pesquisas que desenvolvi neste período estavam voltadas a esta temática, inclusive o trabalho de conclusão, enfocou a formação do leitor.

Neste trabalho de conclusão de curso estudei a formação do leitor nos anos iniciais do ensino fundamental, enfocando a literatura infantil, o professor leitor e as concepções sobre a leitura. Portanto, nesta monografia busco também um

aprofundamento a pesquisa inicial, procurando agora investigar experiências práticas de leitura no contexto escolar.

Entendo que a escola e o professor têm importância significativa na formação do leitor. A forma como eles desempenham esse papel, é um aspecto que precisa ser problematizado e pensado. Pois, a escola, atualmente, não está conseguindo cumprir com esta tarefa, veem-se muitos estudantes que saem desta sem estarem plenamente alfabetizados.

A leitura em uma sociedade como a que vivemos se faz extremamente necessária. As habilidades de ler e escrever estão presentes no cotidiano dos sujeitos. O domínio destas é definidor do modo de inserção na sociedade possibilitando uma inserção social e uma melhor leitura do mundo para estes sujeitos.

Toda a comunidade escolar esta envolvida no processo ensino/aprendizagem e precisa ser valorizada. Pois os conhecimentos construídos na escola, serão úteis na vida em sociedade e são construídos coletivamente.

Neste sentido, a escola é o espaço de sistematização destas aprendizagens, que precisa ser melhor organizado para cumprir esta tarefa. E neste momento percebemos a importância do trabalho realizado pela gestão da escola. Ela é a organizadora deste trabalho e potencializará as ações desenvolvidas em relação à leitura, proporcionando um avanço na qualidade do ensino.

A leitura sempre foi parte fundamental em minha vida e fez uma significativa diferença em minha formação. Através de meus estudos e minha prática quero auxiliar na formação de muitos outros leitores, pois acredito que a leitura é capaz de transformar o ser humano, tornando-o um sujeito crítico, capaz de pensar o seu mundo e atuar de uma forma melhor na sociedade.

Para isso, esta pesquisa tem como tema: a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. Como problemática do estudo apresento a seguinte questão: como se dá a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental?

A partir da questão orientadora, apresento como objetivo geral: compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. E como objetivos específicos: conhecer a abordagem didático-pedagógica dos professores em relação à leitura e compreender quais as

concepções teórico-metodológicas que permeiam as práticas pedagógicas na escola pesquisada.

Ressalto, principalmente a leitura, na qualidade da aprendizagem dos estudantes. Esta é primordial para a formação de um estudante crítico, por consequência um cidadão. O trabalho com a leitura precisa ser bem planejado nas escolas e todos os envolvidos no ato educativo tem papel fundamental na organização deste planejamento.

Portanto, este trabalho almeja compreender como acontece na escola, a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo a enfatizar a importância da leitura para a aprendizagem e formação do cidadão, e especialmente, o papel da gestão escolar neste processo.

1 O CONTEXTO ESCOLAR E A INSERÇÃO DOS SUJEITOS NA CULTURA ESCRITA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, que organiza a educação atualmente, coloca como mínimas habilidades a serem desenvolvidas no ensino fundamental, a leitura, a escrita e o cálculo. Em seu artigo 32, destaca: I. O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

A leitura e a escrita são importantes para que o estudante compreenda os conteúdos, ressignificando-os, através de suas experiências e seu mundo. A sociedade atual é baseada na leitura e na escrita, estas habilidades se fazem presentes e necessárias no cotidiano dos sujeitos. E para que estes sejam plenamente inseridos nesta sociedade precisam dominar estas habilidades.

Vivemos em uma sociedade democrática, mas não vivemos ainda plenamente à democracia. Para Ferreiro (2005) se quisermos viver plenamente a democracia, não podemos aceitar os níveis de analfabetismo da população atualmente. E também coloca que,

A democracia plena é impossível sem níveis de alfabetização acima do mínimo da soletração e da assinatura. Não é possível continuar apostando na democracia sem realizar os esforços necessários para aumentar o número de leitores (leitores plenos, não decifradores) (FERREIRO, 2005, p. 18).

Ler é um exercício imprescindível para que o sujeito se insira plenamente na sociedade, participe desta e atue criticamente. Para ser cidadão não basta somente saber assinar o nome, é preciso compreender esta sociedade, seus mecanismos, para assim poder participar, exigir direitos e compreender seus deveres.

A escola precisa auxiliar na construção desse cidadão crítico, constituindo-se em um espaço de formação, de aprendizado, discussão e reflexão. Para muitas crianças a escola é um dos únicos espaços de inserção e sistematização dos aspectos presentes na cultura escrita. Esta escola precisa cumprir este papel social, de formação de sujeito e não ser somente transmissora de conteúdos.

A escola é uma instituição social, que busca o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes, para se constituírem em cidadãos participativos na sociedade em que vivem e a leitura é instrumento para a construção desse cidadão. Mas não a leitura como decodificação do código escrito, mas uma leitura que possibilite ao sujeito compreender o que está lendo e pensar a partir disso, ressignificando seus conhecimentos e olhando de uma nova maneira para o seu mundo.

A tarefa básica desta escola é o ensino que se cumpre pela atividade docente. A organização escolar necessária é aquela que melhor favorece este objetivo e assegura as melhores condições de realização do trabalho docente. Este ensino precisa ser repensado a partir das necessidades reais que a escola e a sociedade apresentam. Buscando a formação de um sujeito que saiba viver nesta sociedade.

Diante de todas as atrações tecnológicas desta sociedade em que vivemos, o livro perdeu espaço. A informação é rápida, simples e muito atrativa. Além disso, muitas vezes, o livro é pouco estimulado, perdendo o significado e a importância para a criança.

A leitura na escola, na maioria das vezes, ainda é trabalhada de forma mecânica, reproduzindo práticas, sem sentido para o estudante e descontextualizadas de sua realidade. Neste sentido, Ferreiro afirma que,

Isso implica reconhecer que a alfabetização escolar, por um lado, e a alfabetização necessária para a vida cidadã, para o trabalho progressivamente automatizado e para o uso do tempo livre, por outro, são coisas independentes. E isso é grave: se a escola não alfabetiza para a vida e para o trabalho... para que e para quem alfabetiza? (2005, p. 17).

Precisamos urgentemente refletir acerca de qual papel a escola está assumindo no contexto atual, que sujeito ela está formando e a serviço de quem? A escola não pode continuar ignorando o contexto no qual estão inseridos, seus estudantes e simplesmente, como muitas vezes o faz, sendo uma mera transmissora de conteúdos, envolta em um currículo fixo e predeterminado e infundáveis burocracias. A escola precisa assumir seu papel social diante das novas necessidades que se apresentam.

1.1 Educação Básica e a leitura

Dentro do contexto atual da educação, a educação básica é o foco dos investimentos e das políticas públicas. Nesse nível, os anos iniciais do ensino fundamental estão recebendo maior incentivo. É neste período que acontece a alfabetização, e os estímulos são dedicados, principalmente, à leitura e a escrita.

A partir disso o governo federal, nos últimos anos criou vários programas e avaliações, visando à qualificação da alfabetização. Dentre muitos programas, principalmente voltados à educação básica, em relação à leitura, temos os seguintes: O Programa nacional do livro didático (PNLD), o Programa nacional biblioteca da escola (PNBE), o Pró-leitura, o Pró-ler e o Gostar de ler. Estes são alguns dos programas voltados à leitura, dentre outros.

Dentre as avaliações, as que se fazem mais presentes no cotidiano da escola são a Prova Brasil e a Provinha Brasil. A Provinha Brasil é uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização das crianças matriculadas no segundo ano da escolarização das escolas públicas brasileiras. E acontece em duas etapas, uma no início e outra no término do ano letivo. O principal objetivo dessa prova é analisar o nível de alfabetização dos estudantes, dos anos iniciais do ensino fundamental.

A Prova Brasil avalia as habilidades em língua portuguesa (foco em leitura) e matemática, só que nos anos finais do ensino fundamental (5º ao 9º ano).

Vários programas e avaliações visam qualificar o processo de alfabetização, mas percebemos no contexto das escolas brasileiras que esses programas não estão alcançando plenamente seus objetivos. São muitos programas, alguns com objetivos bem parecidos, mas que acabam não conseguindo atingi-los. As próprias avaliações acabam cumprindo objetivos diferentes dos propostos. As escolas se organizam para responder as avaliações esquecendo da sua real função com seus estudantes.

Não é a quantidade de programas que vai qualificar as práticas escolares. Precisamos de uma educação emancipadora, que auxilie na construção do sujeito e na sua inserção social. Que a escola auxilie na formação global dos seus estudantes, tendo significado em sua vida.

Portanto a escola precisa ser local de construção do conhecimento, de forma coletiva. Escola é vida presente, é gente. É necessário que todos os envolvidos no ato educativo tenham consciência, que a formação que a escola propicia aos

estudantes os influenciará por toda a sua trajetória de vida. Escola é lugar de conhecimento, reflexão, aprendizagem e formação de sujeitos.

Uma leitura crítica é uma forma de inclusão social, possibilitando a este educando uma nova leitura do seu mundo. Formando seres capazes de pensar este mundo com toda sua complexidade e propor soluções, colocando-as em prática no seu dia-a-dia.

Importa destacar que a aprendizagem da leitura, não é apenas decodificação do código escrito, o que realmente importa é o uso que o educando vai fazer desta aprendizagem. A escola tem um papel decisivo na forma de ler de seus estudantes, ela pode estimular uma leitura crítica ou se omitir na formação deste sujeito. O educando precisa se afirmar como produtor do seu próprio conhecimento e neste processo a escola desempenha um papel preponderante.

1.2 Formação do leitor

Quando falamos de leitura e escrita, conseqüentemente formação do leitor é necessário pensar no impacto que esta aprendizagem produz para o desenvolvimento do sujeito e, especialmente, sobre as concepções que permeiam as práticas de leitura.

Ler vai muito além das letras, exige envolvimento dos sujeitos, compreensão, análise e reflexão. Quanto mais o sujeito lê, mais seus horizontes se ampliam, se tornando mais crítico e sua aprendizagem significativa. Para Freire (1989), “a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (p. 20).

Quando a leitura é uma continuidade da leitura do mundo do estudante, ela se torna significativa, gera reflexão e instiga a busca por novos saberes. O mundo do estudante precisa ser compreendido pelo professor na escola e o seu trabalho precisa partir dessa realidade.

Pensando na formação de um sujeito leitor não podemos esquecer o seu contexto, a classe social na qual ele está inserido. Essas informações devem ser utilizadas para o início do trabalho em sala de aula, como auxílio ao ensino e não um dificultador da aprendizagem.

A escola a partir da realidade em que está inserida precisa repensar que sujeito ela pretende formar, e a partir disso rever suas metodologias, precisa auxiliar na formação do cidadão, que seja capaz de atuar criticamente na sociedade. A leitura é muito importante na construção desse sujeito, mas não a leitura como uma decodificação do código escrito, mas sim uma leitura que desvela o real, que faz o sujeito pensar, uma leitura contextualizada e com sentido.

Neste aspecto Ferreiro e Teberosky (1990) afirmam que,

Podemos continuar atuando como se a criança nada soubesse a respeito da sua própria língua? Podemos continuar atuando de tal maneira que obriguemos a *ignorar* tudo o que ela sabe sobre sua língua para ensinar-lhe, precisamente, a transcrever esta mesma língua em um código gráfico? (p. 25).

Quando discutimos metodologias, antes é necessário compreender o processo de aprendizagem do estudante. O professor é o mediador dessa aprendizagem, portanto precisa compreender esse processo.

O ensino da leitura e da escrita precisam considerar o desenvolvimento do sujeito e a sua forma de aprendizagem, não se constituindo em uma imposição da escola, a partir de suposições por parte dos adultos de como a criança aprende. Na maioria das escolas ainda, “a leitura e a escrita são ensinadas como algo estranho a criança e de forma mecânica, em lugar de pensar que se constitui num objeto de seu interesse, do qual se aproxima de forma inteligente” (FERREIRO, TEBEROSKY, 1990, p. 278).

Não podemos ignorar os conhecimentos que as crianças já têm a respeito da leitura e da escrita, ao chegarem à escola. Vivemos em uma sociedade grafocêntrica onde a criança está sempre em contato com materiais escritos e seus usos. E os professores podem partir desses conhecimentos em suas aulas, para que a aprendizagem seja significativa, e que a leitura seja uma continuação da leitura do mundo da criança.

Segundo Ferreiro (2000), esta criança produz escrita mesmo antes de dominar o sistema de representação alfabético. A aprendizagem da leitura e da escrita é um processo de construção, o qual se dá mediante a elaboração e reelaboração de hipóteses sobre o que vem a ser a escrita, e o que esta representa no cotidiano em que a criança vive. Esta autora em seus estudos caracteriza este processo a partir da configuração de três grandes períodos: O primeiro refere-se à

distinção entre o modo de representação icônico e não icônico. Neste período se configura uma aprendizagem básica para os níveis seguintes, a diferenciação entre o desenho e a escrita, sendo que a arbitrariedade e a ordenação linear são as principais características dessa primeira forma de escrita infantil.

O segundo período é a construção de formas de diferenciação. Neste período a criança está estabelecendo critérios para diferenciar o que pode para o que não pode ser lido. Na maioria das vezes a criança estabelece um mínimo de três letras para que uma palavra possa ser lida e essas letras precisam ser diferentes umas das outras.

O próximo passo é diferenciar as escritas produzidas, que pode ser variando a quantidade de letras para diferenciar uma palavra de outra (eixo quantitativo) ou variar o repertório de letras, variar a posição das mesmas letras, podendo não modificar a quantidade (eixo qualitativo).

O terceiro período é a fonetização da escrita. Neste período, Ferreiro (2000), coloca que “é a atenção às propriedades sonoras do significante que marca o ingresso no terceiro grande período dessa evolução” (p. 24). A criança descobre que as letras têm correspondência com a sílaba, é o período silábico, que evolui até o momento em que a criança coloca uma sílaba por letra. Neste período também as letras começam a adquirir um valor sonoro, este momento desestrutura a hipótese silábica, a criança descobre que a sílaba pode ser dividida em elementos menores, assim ela ingressa no último estágio para a compreensão do sistema alfabético.

Estes períodos pelos quais a criança perpassa são naturais ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Entretanto, algumas escolas não respeitam esse desenvolvimento, impondo um modo que elas supõem que a criança aprenda e criando estratégias que ao invés de auxiliarem na aprendizagem, dificultam.

Uma prática que é bastante criticada é o trabalho baseado em livros didáticos, apostilas ou atividades reprografadas, usando apenas fragmentos de textos, descontextualizados, sendo o livro completo pouco utilizado.

Além da grande difusão do hábito do uso do livro didático, das atividades reprografadas e das apostilas, com pequenos fragmentos dos textos ou, muitas vezes, textos criados exclusivamente para esse fim a escola, ainda, exige a escrita de redações a partir da leitura.

Esse gênero textual, não é de uso social, mas sim exclusivo da escola, com um fim em si mesmo. Os estudantes precisam ter contato com materiais escritos de

uso social, com uma função, precisam aprender a lê-los, interpretá-los e produzi-los. A leitura não pode ser descontextualizada de sua prática social.

Outra prática frequente é o trabalho com um texto e com perguntas para serem respondidas, e esta é a interpretação feita do texto, a única na maioria das vezes. Não é permitido ao estudante escolher o texto a ser lido, nem a forma de interpretá-lo e não são proporcionadas atividades diferenciadas. Segundo Ferreira (2001),

Faz-se necessário, portanto, que o texto deixe de ser visto, em sala de aula, como objeto que traz em si o significado, para ser visto como uma possibilidade. Assim a leitura será o momento da produção deste significado em acordo com o desejo, as formações simbólicas, o conhecimento prévio e a historicidade de quem lê (p. 156).

O estudante precisa ter oportunidade de escolher as suas leituras, de acordo com suas individualidades, o que gera mais prazer e envolvimento, interpretação e significação do texto lido. Essa forma tradicional de trabalho, muitas vezes, faz com que a leitura perca sua função primordial. Silva (1988) coloca que,

Se um texto quando trabalhado não proporcionar o salto do leitor para o seu contexto (isto é, pra a intencionalidade social que determinou o objetivo, o conteúdo e o modo de construção do texto), e mais, se o contexto do texto lido não proporcionar uma compreensão mais profunda do contexto em que o sujeito leitor se situa ou busca se situar, então a leitura perde sua validade (p. 4).

Quando trabalhamos nos anos iniciais do ensino fundamental, com textos algumas questões relevantes não podem ser esquecidas. Primeiramente, para que o estudante compreenda um texto é necessário que ele tenha consciência das suas condições de produção, contexto, autor, intencionalidade, para assim compreender esse texto e fazer uma leitura dele.

Este texto lido, precisa gerar reflexão, discussão, troca de ideias, desconstruções do conhecimento e busca por novas informações e por mais conhecimento. Este texto produz um diálogo entre o autor e o leitor e, principalmente, entre seus mundos. O significado do texto é, sobretudo, dado pelo leitor, partindo do seu contexto, das suas leituras anteriores, interpretações e ideias.

A leitura proporciona também, ao estudante a compreensão do seu contexto, para que ele compreenda o seu papel social e a partir disso ampliar seus conhecimentos, resignificando-os. Mas, para que as informações lidas possam ser

significadas elas precisam partir do conhecido, proporcionando uma reflexão e ampliação desses conhecimentos.

Para Ferreira (2001), “diante do texto, a criança coloca-se na posição de quem procura nas palavras escritas encontrar a explicação, mágica ou não, para o mundo que a cerca e para o que ainda não consegue transformar em linguagem, pois lhe é incompreensível” (p. 65).

Pensando na criança que frequenta os anos iniciais, um dos gêneros que mais se adequa as suas necessidades é a literatura infantil, por seu caráter mágico que estimula a imaginação e a criatividade, trabalha os seus medos de uma forma lúdica. O leitor de literatura infantil hoje é segundo Ferreira (2001), “alguém que está incluso em uma sociedade em constante transformação, que é abalado pelos apelos desta sociedade e dá suas respostas de acordo com suas potencialidades” (p. 53).

O texto literário permite a este leitor uma viagem entre o mundo real e o imaginário. Uma boa obra literária proporciona diversas interpretações, cada leitor a partir do seu contexto, faz uma leitura própria do texto literário. Para Ferreira (2001),

Considera-se a leitura de textos literários nas séries iniciais como momento ímpar na constituição de leitores, sujeitos de sua própria história e capazes de atribuir sentidos ao lido, na expectativa de, paulatinamente, ir desvendando o mundo e dotando posturas em relação ao que lhes cerca (p. 154).

A literatura infantil tem valor e importância em si mesma, e muitas vezes a escola com o hábito de torná-la excessivamente didática e com objetivos moralizantes, faz com que a criança perca o prazer em lê-la. O livro de literatura infantil hoje é “lúdico, criativo em acordo com essa época, mas ainda utilizado pela escola com objetivos utilitários associados à aprendizagem” (FERREIRA, 2001, p. 52).

Independente do nível de escolarização, a leitura precisa ser trabalhada de forma contextualizada e com sentido para o leitor, essa leitura deve causar um impacto no mundo desse leitor.

No contexto em que o estudante está inserido a leitura é sempre realizada com uma finalidade determinada, e a escola precisa estar atenta às funções que a leitura e a escrita desempenham na vida deste estudante.

A leitura deve ser foco de toda a escolarização e de toda a vida do ser humano, porque um leitor está em constante formação. A escola que é uma das responsáveis pela formação do sujeito precisa estar consciente desse fator e se dedicar à formação do leitor em todos os níveis.

A escola, com urgência precisa, refletir acerca de qual leitor ela está formando, para que função e com quais objetivos. Toda ação realizada na escola tem fatores externos que a possibilitam e estimulam e esses aspectos acerca da leitura precisam ser pensados e discutidos de forma coletiva e compartilhada.

O trabalho com a leitura é muito importante dentro da realidade escolar, na formação do cidadão, mas este trabalho precisa ser aderido coletivamente, por todos os sujeitos envolvidos na prática educativa, para que tenha maior impacto na realidade na qual a escola está inserida. Uma gestão democrática e participativa possibilita a construção deste trabalho coletivo e mais significativo para os estudantes.

1.3 Gestão escolar e a qualificação dos processos educativos na escola

A escola é o local onde acontece a sistematização da aprendizagem da leitura. Precisamos fazer deste espaço um ambiente leitor, rico em situações que estimulem a leitura e a interação entre os sujeitos.

Mas, a função da escola não é somente ensinar o sujeito a ler e escrever, mas é principalmente, fazer uso social desta aprendizagem. Pois como colocam Pérez e García, “a leitura é um instrumento útil que nos aproxima da cultura letrada e permite-nos continuar aprendendo autonomamente em uma multiplicidade de situações” (2001, p. 49).

Em uma nova proposta de leitura, a ser pensada e discutida para a sala de aula, uma gestão democrática e participativa tem um papel fundamental, pois é coletivamente que se podem operar mudanças significativas nas práticas em relação à leitura.

A gestão é o elemento que vai potencializar as ações individuais produzidas na escola, possibilitando a reflexão acerca destas e mobilizando todos os sujeitos envolvidos na prática educativa, para os mesmos objetivos. Percebemos assim a importância da gestão na realidade escolar.

A partir da iniciativa de uma gestão participativa, mudanças podem ocorrer, na forma de se trabalhar a leitura, conseqüentemente melhorando a aprendizagem dos estudantes. E o papel dos gestores neste contexto é criar na escola ambientes que favoreçam a reflexão sobre as práticas educativas produzidas. A gestão tem papel fundamental na organização do ensino/aprendizagem na escola, depende dela também mudanças significativas no espaço escolar.

Ressaltamos que a formação do leitor é um processo coletivo, que envolve o projeto político-pedagógico da escola, a forma de avaliação e a maneira de abordar a leitura. Para Vasconcellos (2007), “os desafios são enormes, com certeza, a mudança não vai se dar por práticas isoladas. A superação do trabalho fragmentado no interior da escola é, pois uma importantíssima meta” (p. 82).

Neste contexto, percebemos novamente a importância da gestão participativa e democrática para a construção de uma escola melhor, uma gestão que busque a união de todos os envolvidos nesta escola, buscando uma prática mais reflexiva e que forme sujeitos mais preparados para a sociedade.

1.4 Gestão democrática e participativa: um processo em construção

A gestão democrática e participativa é um assunto que está sendo muito discutido e repensado pelos profissionais da educação. Por isso, existem muitos aspectos que precisam ser avaliados, para que se possa buscar uma melhoria da educação nas escolas brasileiras.

O conceito de gestão democrática tem início no questionamento aos modelos de administração capitalista (taylorista/ fordista) que são aplicados na escola.

Seguindo a luta pela democracia no Brasil e pela mudança da forma de administrar a escola, é aprovado na constituição federal de 1988, o princípio de “Gestão Democrática no ensino público” e que posteriormente é assegurado na LDB nº 9394 de 20 de dezembro de 1996.

A partir deste momento, se assegura legalmente o direito a uma gestão democrática e participativa na escola, que questiona o modelo imposto até o momento.

A constituição brasileira data de 1988, portanto o direito a uma gestão democrática na escola é recente, e os moldes da administração capitalista estão muito presentes.

Os termos gestão e administração vêm sendo discutidos por vários teóricos, que apresentam diferentes significados a eles. Alguns colocam que o termo gestão inclui a administração, sendo mais abrangente que este, outros já diferenciam um termo do outro.

O termo gestão quando proposto, visava diferenciar da administração autoritária que se impunha nas escolas. Portanto muitas vezes sob o termo de gestão, se tem práticas de administração autoritárias. O termo “gestão democrática” por si só não garante democracia, a prática precisa ser democrática, precisamos desenvolver mecanismos que garantam essa democracia na escola e a sua autonomia.

Para Lück (2008), o conceito de gestão “supera o enfoque limitado de administração, a partir do entendimento de que os problemas educacionais são complexos em vista do que demandam visão global e abrangente, assim como ação articulada, dinâmica e participativa” (p. 23).

A gestão é muito mais ampla do que apenas aspectos burocráticos, envolve também questões políticas e pedagógicas. “A gestão educacional constitui, portanto, uma área importantíssima da educação, uma vez que, por meio dela, se observa a escola e se interfere sobre as questões educacionais globalmente” (LÜCK, 2008, p. 28).

Segundo Vasconcellos (2007), a democratização da escola tem como principal objetivo a mudança na sala de aula e na própria escola. E novas formas de gestão podem criar um clima favorável para que isso aconteça.

Mas uma gestão participativa e que busque a gestão democrática precisa estar aberta ao diálogo e as mudanças. No Brasil, o processo democrático ainda é muito recente, e para a concepção da grande maioria das pessoas democracia se restringe ao ato de votar. Como consequência, dessa recente democratização, temos ainda muito presente o autoritarismo, na sociedade e nas práticas escolares.

Esse aspecto fica bem claro, quando alguns gestores detêm o poder, de forma autoritária, deliberando sem a participação da comunidade escolar. Essa prática ainda se encontra muito presente na realidade escolar brasileira. Os gestores precisam assumir seu papel de coordenação da escola visando sempre a aprendizagem dos alunos. Com certeza seu papel também envolve administração, mas vai muito além disso.

Tendo como foco a aprendizagem, a gestão dentro da realidade escolar tem que ter como referência o projeto político-pedagógico, constantemente sendo discutido e reescrito.

Segundo Vasconcellos “a grande tarefa da direção numa perspectiva democrática, **é fazer a escola funcionar pautada num projeto coletivo**” (p. 61, 2007). Na busca por uma gestão democrática, é necessária a participação de toda a comunidade escolar, efetivamente. Um mecanismo que está sendo muito discutido e é fundamental nessa participação são os conselhos escolares, que representam uma das formas de participação mais efetivas na escola.

Para Vasconcellos (2007), “os conselhos escolares também representam importante espaço para a democratização da escola, através da articulação do trabalho entre os vários segmentos que a compõem” (p. 84).

A abertura da escola a comunidade é muito importante, pois esta pertence a essa comunidade, e essa abertura revitaliza nas pessoas esse sentimento. As pessoas da comunidade passam a ver a escola também como sua, a cuidá-la, a ajudar na sua melhoria.

Apesar de um movimento de mudança já estar acontecendo nas escolas e na educação como um todo, um velho paradigma se mantém muito forte, o de que as mudanças na escola devem partir do governo, de esferas superiores a escola.

As mudanças devem acontecer inicialmente na escola e “partir do princípio de que educação não é apenas responsabilidade do governo, mas de todas as instituições e membros da sociedade” (LÜCK, 2008, p. 31), e isso envolve um trabalho sério, comprometido e eficaz de toda a comunidade escolar.

Esse fator não tira as responsabilidades do estado com a escola, a sociedade não pode assumir o papel do estado, pois ele é o responsável pela manutenção da escola e deve dar subsídios para que esta construa a sua autonomia e sua identidade. A comunidade escolar precisa também, lutar para que o estado assuma suas responsabilidades com a educação.

Para a construção de uma escola democrática é preciso que todos participem, pais, alunos, funcionários, professores e gestores. E que toda esta comunidade escolar busque a melhoria da qualidade do ensino/aprendizagem dos seus estudantes.

Ainda, como herança de um passado recente, a escola traz uma cultura centralizadora e autoritária, que não cabe mais para a escola na atualidade.

Portanto, todos os envolvidos na prática educativa precisam estar constantemente refletindo sobre o seu trabalho e realizando uma auto-avaliação.

O gestor dessa nova escola precisa estar engajado nas propostas da escola e sempre se reciclando, ser criativo, perceber o todo, saber trabalhar em equipe e ser rápido na resolução dos problemas. Para Perripolli (2009), “na atualidade, a gestão escolar precisa estar capacitada para atender a diversidade no contexto que atua” (p. 177).

A gestão escolar tem a possibilidade de observação do todo, podendo assim organizar o grupo, e auxiliar na tomada de consciência e na resolução de problemas, tem a capacidade de mobilizar as pessoas para a mudança. E precisa assumir esse papel.

Todos os envolvidos no ato educativo são responsáveis pelo sucesso da escola, é preciso que todos estes profissionais estejam bem qualificados e envolvidos com a proposta da escola. Mas como isto é possível? A escola necessita investir mais em formação inicial e continuada, principalmente, para o professor, pois é ele quem vai colocar em prática o projeto da escola.

A respeito deste assunto, Aranha (2005) salienta que,

Experiências de inovação pedagógica esbarram muitas vezes, aí - quando os professores não se apercebem do seu valor real e não vinculam a inovação a alterações que a sua prática, o seu trabalho lhe demandam e possibilitam. Tornam-se discursos vazios, ou transformam-se em medidas burocráticas desvinculadas do dia-a-dia do trabalho pedagógico. Não inserem-se de fato no cotidiano escolar. Arranham a escola, sem chegar a seus principais sujeitos-alunos e professores. (p. 81).

Se buscamos melhor qualidade para a educação, uma melhor qualificação e valorização dos professores é fundamental. Nesse sentido, Sander (2005) coloca que:

Se queremos melhores índices de educação e cultura, precisamos de melhores escolas, se queremos melhores escolas, precisamos de melhores educadores, se queremos melhores educadores, precisamos oferecer melhores condições de trabalho e melhores níveis de remuneração (p. 33).

Acreditamos que sem professores bem qualificados, remunerados e valorizados, não teremos avanços significativos na educação. A educação precisa ser considerada como um Sistema Nacional de Educação, e a formação de professores ser um trabalho contínuo e constante, que faça parte das políticas

públicas para a educação, pois ações desarticuladas não vão conseguir resolver o problema como um todo.

A escola é um tempo/ espaço muito importante. É tempo de desenvolver diversas habilidades e de se estabelecer relações. Período no qual se desenvolve um raciocínio crítico, exercitamos a criatividade e, principalmente, a capacidade de ser cidadão. Um espaço onde também se aprende a conviver com o outro, compartilhar e respeitar as diferenças. Escola não é somente preparação para uma vida futura, ela é vida, que precisa ser vivida. Segundo Peripolli (2009),

Por isso, sinaliza-se o fato de que a escola, com seus gestores, pode se tornar um tempo/espaço em que ocorram vivências, novas experiências, e não apenas ser esta um gabinete fechado e dicotomizado, mas, sim um lugar de reflexão/construção/troca de saberes, um local em que é possível criar, de forma conjunta, com a comunidade escolar, a aprendizagem significativa e a gestão democrática (p.188).

A participação de todos é fundamental, para isso a construção de uma escola reflexiva é um princípio importante. Uma escola reflexiva é uma escola que pensa a si própria, o que acontece no seu interior e também no exterior, contextualizando. Como coloca Alarcão (2001), “aberta à comunidade dialoga com ela. Atenta à comunidade interior, envolve todos na construção do clima da escola, na definição e na realização do seu projeto, na avaliação da sua qualidade educativa” (p. 26).

A escola que consegue refletir a si mesma contribui para a construção do conhecimento em seu interior, professores e alunos, participam se constroem como sujeitos e aprendem melhor, pois a escola atualmente não está conseguindo preparar os alunos para as demandas que a sociedade apresenta.

Sabemos que a escola precisa mudar, se reorganizar e se reestruturar, em toda a sua estrutura organizacional. Para Alarcão (2001) “não é possível desvincular currículo e pedagogia de políticas e administração. Por isso, para mudar a escola, direi que também é preciso mudar a sua organização e o modo como ela é pensada e gerida” (p. 19). É preciso que a cultura escolar se modifique e que todos os envolvidos participem.

Se a escola não está conseguindo preparar seus estudantes para viver em sociedade, precisamos refletir o que está ocorrendo no interior dessa escola, pois “a escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como

tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência de cidadania” (ALARCÃO, 2001, p. 18).

A escola não pode apenas preparar para um futuro ela precisa ser vivida, o exercício de cidadania e participação precisam ser praticados no cotidiano dessa escola.

A escola reflexiva “é uma escola que se assume como instituição educativa que sabe o que quer e para onde vai” (ALARCÃO, 2001, p, 26). Que também assume a sua função social na formação do cidadão.

1.5 Projeto político-pedagógico

A partir de uma gestão que envolva toda a comunidade e que seja participativa e reflexiva, precisamos pensar todos os aspectos que nela estejam envolvidos e que auxiliem na construção da escola.

O projeto político-pedagógico é elemento que auxilia na melhora da qualidade da escola, pois é ele que vai guiar as suas ações. Este documento precisa partir da análise da realidade na qual a escola está inserida, traduzindo todo o contexto dessa escola, seu modo de trabalho e seus objetivos. A LDB 9394/96, em seu artigo 14, coloca que: Os sistemas de ensino definirão as normas de gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

- I- participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;
- II- participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Em seu texto, a LDB, ao falar de gestão democrática, destaca a importância da formulação coletiva do projeto político-pedagógico e da participação da comunidade, neste artigo, na forma de conselhos escolares.

O projeto político-pedagógico é a tradução da cultura escolar, da sua identidade, ele reflete as concepções pedagógicas da escola e norteia as suas ações. Segundo Veiga (2006b), “o projeto pedagógico é, portanto, um produto específico que reflete a realidade da escola, situada em um contexto mais amplo que a influencia e pode ser por ela influenciado (p.12)”.

Esse contexto citado por Veiga (2006b) é a comunidade escolar, formada pelas pessoas que residem próximo à escola, os pais, os funcionários, os professores, a direção e os alunos. Todos fazem parte da escola e precisam participar da sua construção.

Na construção coletiva da escola que se deseja, perpassa significativamente a formação do projeto político-pedagógico. Pois, é a partir dele que a escola é pensada, propondo objetivos que vão nortear as ações educativas.

Uma prática que acontece, ainda, em algumas escolas, é que este projeto político-pedagógico é construído, e dado como concluído e assim é guardado. Dessa maneira este documento perde a sua função principal, a sua formulação é um processo coletivo e constante, que exige uma permanente reflexão-ação-reflexão. Segundo Veiga (2006b),

A reflexão sobre o trabalho pedagógico, descrevendo-o, problematizando-o, analisando os componentes ideológicos que o sustentam, vai configurando uma matriz teórica que permitirá a participação de toda a comunidade escolar em sua concretização. Por sua vez, a definição dessa matriz propiciará a revisão do trabalho pedagógico desenvolvido pela escola, conseqüentemente da sua própria organização (p. 25).

O projeto político-pedagógico norteia as ações da escola, mas é na sala de aula que ele se efetiva e é principalmente este espaço da ação pedagógica que deve ser pensado e problematizado.

Algumas vezes, encontramos professores que tem discursos inovadores, mas que na prática são tradicionais. Por isso, as ações pensadas para a escola precisam considerar a prática do professor, pensá-la, problematizá-la e buscar melhorias.

É uma constante reflexão-ação-reflexão. Portanto, o projeto político-pedagógico não pode ser considerado pronto, ele está sempre sendo modificado e pensado a partir de reflexões do cotidiano das ações da escola e sua comunidade.

A escola e a comunidade precisam se aproximar. Esta escola tem que buscar compreender esta comunidade, se preocupar com seus reais problemas e interesses, para que esta comunidade possa também se interessar pela escola, se sentir parte dela e participar.

Refletindo acerca do projeto político-pedagógico e da prática do professor, pensamos na escola leitora. Para a efetivação dessa escola, ela precisa ser pensada e fazer parte da prática do professor, além de toda a escola estar envolvida

neste processo. Pois, a formação do leitor é um processo coletivo, de toda a comunidade escolar.

Com a participação de todos, o professor não fica isolado em sala de aula, todos participam da formação desse leitor, trazendo o verdadeiro sentido à leitura, traduzindo-a para um contexto real e ressignificando práticas.

Lück (2006) coloca que “o processo educacional só se transforma e se torna mais competente na medida em que seus participantes tenham consciência de que são co-responsáveis pelo seu desenvolvimento e pelos seus resultados” (p. 76).

Uma gestão democrática e participativa proporciona a participação de todos na escola, ressignificando o seu papel e tornando significativa a formação do sujeito. Não podemos esquecer que educação é processo, é formação e que o estudante é um sujeito inserido em uma sociedade, atuante nesta e responsável também pelo que nela acontece. Como coloca Sander (2005),

Na realidade, a escola precisa adotar um paradigma pedagógico ativo e construtivo que enfatize o aprender acima do ensinar, que valorize o aprender a aprender, lema básico da educação permanente, que se impõe hoje como indispensável num mundo caracterizado por mudanças cada vez mais velozes e imprevisíveis (p. 32).

O papel da escola é fundamental na sociedade, porque ela contribui na formação do cidadão. A participação efetiva de toda a escola e da comunidade são primordiais na formação de estudantes leitores.

1.6 A gestão do espaço da sala de aula

É no espaço da sala de aula que são sistematizados os conhecimentos, havendo uma maior troca de informações entre professor e aluno. E este espaço precisa ser muito bem pensado e organizado, para que possibilite uma melhor aprendizagem aos estudantes.

Na busca pela formação de cidadãos críticos não podemos mais aceitar uma “educação bancária” termo utilizado por Paulo Freire (1996), para denominar aquele ensino em que o professor pressupõe que o aluno nada sabe e que este professor deposita nos alunos os seus saberes, como se depositasse dinheiro em um banco. O professor nesta concepção tudo sabe e o aluno nada sabe. E este modelo de educação, se faz ainda muito presente em nossas escolas.

A educação precisa possibilitar ao aluno a ampliação dos seus saberes, da sua compreensão de si mesmo e do mundo. Se tornando um sujeito mais crítico, questionador e reflexivo.

Quando nos referimos à alfabetização a maioria das discussões estão concentradas nos métodos utilizados e não nas concepções das crianças sobre a leitura e a escrita. Ferreiro (2001), a esse respeito coloca que,

A nossa compreensão dos problemas tais como as crianças os colocam, e da seqüência das soluções que elas consideram aceitáveis (e que dão origem a novos problemas), é, sem dúvida, essencial para poder ao menos imaginar um tipo de intervenção adequado à natureza do processo real de aprendizagem (p. 30)

O professor precisa organizar o ensino/aprendizagem dentro da sua sala de aula de acordo com os conhecimentos e concepções dos seus estudantes. Considerando a sua realidade sócio-econômica e as práticas reais de leitura e escrita que estes estudantes têm contato.

Ferreiro (2007) também coloca que o trabalho do professor alfabetizador é um trabalho muito solitário. Seu trabalho não é valorizado, e muitas vezes estar na turma de alfabetização é dado como um castigo ou é destinada aos professores menos experientes.

Em relação ao ensino da leitura e da escrita, Ferreiro (2007) coloca que “o ensino neste domínio continua apegado às práticas mais envelhecidas da escola tradicional, aquelas que supõem que só se aprende algo através da repetição, da memorização, da cópia reiterada de modelos, da mecanização” (p. 22).

Esta aprendizagem muitas vezes ainda não é vista como um processo de construção da criança, onde o contato com as práticas de leitura e escrita se fazem fundamentais.

O professor tem que possibilitar ao aluno que os saberes aprendidos na escola, se relacionem com o mundo deste aluno, com os seus saberes já construídos.

Para Freire (1996), “respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da *curiosidade*, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento” (p. 123).

Trabalhar em sala de aula a partir dos conhecimentos do aluno é uma forma de respeito ao seu ser, a sua história. Iniciamos o trabalho a partir desses conhecimentos para ir além deles, ampliando os saberes dos alunos e a sua compreensão sobre o mundo.

Em relação às práticas dos professores, Ferreiro (2001) diz que nenhuma prática é neutra, e que estas práticas tem maiores efeitos nos alunos, a longo prazo, do que os próprios métodos utilizados pelo professor.

As práticas dos professores revelam as suas concepções acerca da leitura e da escrita. Por isso a reflexão e a problematização destas se fazem tão importantes para a melhoria do ensino/aprendizagem. Para Ferreiro (2001), é muito difícil modificar essas práticas, já que isto implicará uma redefinição do papel deste professor e de como ele organiza a sua sala de aula. É difícil, mas se faz necessária, e precisa ser pensada por todos os envolvidos no ato educativo.

Segundo Freire (1996), é “por isso que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (p. 39).

Para que se efetive uma proposta pedagógica direcionada a produção de leitores na escola, todos os professores devem estar engajados, refletindo acerca da sua prática. Pois, é este professor em sala de aula, no desenvolvimento de suas aulas, que pode operar significativas mudanças.

Este mesmo professor precisa ter um planejamento sobre as atividades voltadas a leitura e selecionar previamente os materiais a serem trabalhados. Outro fator fundamental é o próprio professor ser um leitor. Se o professor não lê, dificilmente poderá mudar as suas práticas em sala de aula com a leitura e tornar esta um ato prazeroso para seus estudantes.

Este professor necessita conhecer o estudante, seus conhecimentos individuais, para trabalhar a partir destes conhecimentos, potencializando assim, a aprendizagem.

Vasconcellos (2007) neste contexto, discute a importância do projeto de ensino/aprendizagem (plano de ensino/ plano de curso/ planos de estudo) como instrumento de gestão do trabalho em sala de aula. É este projeto que vai guiar o professor no dia-a-dia da sala de aula.

Através do planejamento é possível definir o que se quer, estabelecer uma base para um plano de ação. Se o professor não planeja, não discute e reflete esse planejamento, ele apenas reproduzirá práticas.

Vasconcellos também reafirma que não se pode esquecer que é o projeto político-pedagógico que deve servir de base para o planejamento do professor. E este planejamento deve sempre ser revisto e modificado de acordo com as necessidades e problemas apresentados na sala de aula, no cotidiano escolar.

Muitas vezes o professor tem receio de expor e por em discussão a sua prática, perdemos assim iniciativas muito interessantes. E é através de um trabalho coletivo que os docentes irão repensar as suas práticas e construir a sua identidade profissional. Como coloca Ferreiro (2007),

Ver o que aconteceu em uma hora de aula sob outro ponto de vista, discutir sobre o que se disse ou não disse, sobre o que se fez e o que não se fez, pôr em discussão o que se pretende e os meios utilizados, refletir sobre os pressupostos implícitos, compartilhar dúvidas e certezas, tudo isso ajuda mais o professor a pensar do que várias horas de aula convencional (p. 49).

A reflexão sobre a sua aula é importante para o professor, para que ele pense sobre o que aconteceu, elabore melhores estratégias, corrija possíveis erros e qualifique a sua prática.

Como o trabalho na escola é realizado de forma coletiva, é preciso obter uma coerência entre as práticas dos professores, para que se efetive a proposta da escola. Por isso, não deve haver medo da exposição das práticas, do diálogo e da reflexão. É através de um posicionamento crítico diante das práticas que as mudanças podem acontecer.

O professor precisa ter consciência que a sua formação nunca está acabada e que ela se prolonga durante toda a sua trajetória profissional e que refletir acerca de sua prática o auxiliará nesta trajetória.

2 DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

A escola atualmente vem enfrentando diversos desafios no que se refere à inserção efetiva dos sujeitos na cultura escrita. Muitas dificuldades têm sido evidenciadas, sendo alvos de debates e discussões acerca do ensino/aprendizagem.

A sociedade em que vivemos, é baseada na leitura e na escrita. Para que um sujeito seja plenamente participativo ele precisa dominar estas habilidades, que se fazem presentes e necessárias a todo o momento. Mas a escola básica que deveria auxiliar no desenvolvimento destas habilidades, não esta conseguindo atingir este objetivo. Produz assim uma grave forma de exclusão social, a dos analfabetos ou analfabetos funcionais

Precisamos de muitas pesquisas que busquem problematizar as práticas educativas relativas à leitura e a escrita, em especial, e discutí-las, objetivando sempre a melhor formação destes sujeitos e sua efetiva participação social.

Nesta pesquisa, portanto buscamos investigar o trabalho realizado com a leitura na escola e papel da gestão, tentando compreender este processo e as concepções metodológicas que o embasam, para entendê-lo melhor e a sua importância na formação do estudante dos anos iniciais do ensino fundamental.

2.1 Questão da pesquisa

Como se dá a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental?

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo geral

Compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.

2.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer a abordagem didático-pedagógica dos professores em relação à leitura;
- Compreender as concepções teórico-metodológicas que sustentam as práticas de leitura na escola pesquisada.

2.3 Abordagem metodológica para o estudo

Para atender aos objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa sociocultural em uma escola do sistema público municipal de Santa Maria - RS. Na pesquisa trabalhamos com entrevista semiestruturada e análise do projeto político-pedagógico.

Optamos pela abordagem qualitativa sociocultural, pois essa abordagem enfatiza a troca de experiências, a interação, valorizando a linguagem e a cultura dos sujeitos pesquisados. Além de buscar a interpretação que o homem dá ao mundo em que vive, possibilita também uma melhor compreensão dos fenômenos relacionados à escola, proporcionando uma maior relação entre teoria e prática.

Segundo Wertsch (apud BOLZAN, 2001, p. 99)

Essa abordagem tem como característica principal explicar as relações entre atividade humana e as situações institucionais, históricas e culturais nas quais se dá esta atividade, sem, no entanto, enfatizar uma análise psicológica dos achados.

Primeiramente, a abordagem escolhida precisa estar adequada à pesquisa que se quer desenvolver. A abordagem qualitativa possibilita a compreensão de aspectos subjetivos, não possíveis de serem quantificados e procura compreender as concepções dos sujeitos acerca da temática pesquisada.

Esta abordagem segundo Oliveira (2002), facilita a descrição de uma hipótese complexa, ou de algum problema, através dela também se pode analisar a interação de diversas variáveis, contribuir para mudanças da realidade, criar ou formar opiniões, em um grau maior de profundidade e interpretar atitudes e

comportamentos. A abordagem qualitativa difere da quantitativa, pelo fato de não ter dados estatísticos como o centro dos seus estudos.

Bogdan e Biklen (1982 apud Lüdke e André, 1986) elencam cinco principais características da pesquisa qualitativa:

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Neste aspecto o pesquisador vai ter contato prolongado com o ambiente ou a situação pesquisada.
- Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material pesquisado é muito descritivo (pessoas, situações, acontecimentos), inclui também entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e vários tipos de documentos.
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesse tipo de estudo o pesquisador captura a perspectiva dos participantes sob o fenômeno estudado.
- A análise de dados tenta seguir um processo indutivo. No início do estudo não existem hipóteses construídas, não vão ser buscadas na pesquisa evidências pra comprovar essas hipóteses. Mas existe um referencial teórico que serve de base, e que no decorrer da pesquisa vai se definindo o foco de atenção.

Por isso, optamos por uma abordagem qualitativa sociocultural, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno estudado, através das narrativas e da análise documental.

Através das entrevistas podemos entender melhor a concepção dos entrevistados acerca da leitura, compreendendo como se organiza a aprendizagem desta na escola pesquisada. Segundo Lüdke e André (1986) na entrevista não totalmente estruturada,

O entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na

medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica (p. 33-34).

Através da entrevista é possível criar um clima de interação, entre entrevistador e entrevistado. A grande vantagem da entrevista é que ela permite uma captação imediata da informação, através de vários tipos de informantes e os mais diferentes assuntos.

Como resultado dessas entrevistas se obteve a narrativa dos entrevistados. A narrativa é o ato de contar uma história. Quando o sujeito conta uma história podemos compreender sua visão sob o fenômeno estudado. Gibbs (2009), quando se refere as narrativas, coloca que,

Sendo assim, a análise cuidadosa de tópicos, conteúdo, estilo, contexto e o ato de compor narrativas revelará a compreensão das pessoas dos sentidos dos eventos fundamentais em suas vidas ou comunidades e os contextos culturais em que vivem (p. 80).

O importante ao se trabalhar a narrativa com o professor é a possibilidade de ouvir a sua voz, a sua opinião sobre sua prática. A maioria das pesquisas falam sobre o professor, mas sem ouvi-lo. O professor é o ator da sua prática, e sua opinião precisa ser ouvida. Assim, se quisermos realmente compreender a realidade da escola e buscar alternativas para resolver suas dificuldades, é ouvindo o professor que conseguiremos compreender melhor a prática, refletir, problematizar e buscar soluções.

Através da fala dos professores, podemos compreender o contexto mais amplo no qual estes estão inseridos (a sua escola, a comunidade e a estrutura social a qual pertencem).

É preciso partir da realidade vivida na escola, com todos os envolvidos na prática educativa, para resolver as necessidades e os problemas dessa escola. Não serão soluções externas que irão operar mudanças significativas na escola, mas sim alternativas que partam dos sujeitos que participam dessa escola, que vivem o seu dia-a-dia, suas vozes precisam ser ouvidas e consideradas.

2.4 Instrumentos e procedimentos de pesquisa

A entrevista semiestruturada foi desenvolvida com a supervisora da escola e com duas professoras dos anos iniciais do ensino fundamental assim, buscamos compreender o trabalho que realizam envolvendo a leitura na escola. Como tópicos norteadores da entrevista com a supervisora, optamos por:

Abordagens pedagógicas

- Como a escola vem trabalhando as questões de leitura?
- Quais são as abordagens pedagógicas escolhidas pela instituição para trabalhar a leitura?
- O que vem sendo priorizado no trabalho com a leitura?
- Quais os desafios que a escola enfrenta no trato desta questão?
- Relato trabalhos desenvolvidos pela escola?
- Há biblioteca na escola?
- Como este espaço é utilizado?
- Que materiais são ofertados aos alunos neste espaço?

Formação de professores

- Há espaços de formação para os professores em relação a este trabalho?
- Como a escola subsidia o trabalho do professor em sala de aula?

Para entrevista com as professoras atuantes nos anos iniciais (3º e 4º ano) foram elencados os seguintes tópicos:

Concepções do professor acerca da leitura

- O que está envolvido no ato da leitura, em teu entendimento?
- O que significa ler para ti?

Leitura em sala de aula

- Como realizas o trabalho com a leitura em sala de aula?
- Que estratégias utilizas?
- O que consideras importante na exploração da leitura?

- Relate situações de ensino envolvendo o trabalho com a leitura?
- Quais os desafios que enfrentas no trato desta questão?

Professor leitor

- Consideras importante a leitura para sua formação e o seu trabalho?
- Costumas ler? Quais são as tuas preferências?

Para a análise do Projeto político- pedagógico, foram utilizados os seguintes tópicos guia:

- Sustentação teórica sobre leitura;
- Planos de estudo (se constam no PPP);
- Indicações sobre ações voltadas a leitura.

A partir dos aspectos mencionados foi possível tecer a compreensão almejada no estudo.

2.5 Contexto da investigação

A escola pesquisada é de nível fundamental, e faz parte do sistema público municipal de Santa Maria-RS, localizada na região leste deste município. Faz parte do núcleo habitacional Diácono João Luiz Pozzobom. Compõe a escola um quadro de 40 professores, 387 alunos que frequentam o turno diurno e 105 alunos que frequentam a educação de jovens e adultos à noite.

A escola está inserida em uma realidade de grande carência sócio-econômica. A profissão da maioria das famílias é de recicladores, catadores e as mães dos estudantes são empregadas doméstica. Neste contexto, a escola passa a ser um dos espaços de inclusão na sociedade destas crianças e o local onde ela terá oportunidades de buscar uma melhor qualidade de vida.

A opção de realizar a pesquisa nesta escola partiu inicialmente da busca por uma escola que desenvolvesse ações voltadas à leitura. Obtivemos, então,

informações a partir de contatos informais que esta escola desenvolvia projetos interessantes com foco na leitura.

Dentre as ações desenvolvidas pela escola, há o projeto da Biblioterapia Ambulante, que consiste basicamente em um armário ambulante, com uma diversidade de livros, que é levado ao pátio da escola para que no recreio as crianças possam ter acesso a livros de literatura infantil, já que não é possível ter na biblioteca.

O outro projeto desenvolvido é o do carrinho de supermercado, que é recheado de livros e outros portadores de textos, que passa uma vez por semana, em cada turma dos anos iniciais do ensino fundamental, para que o professor o utilize em suas aulas.

A escolha desta escola também se deu pelo fato da pesquisadora já ter conhecimento de sua realidade e de sua comunidade, através da participação em projetos sociais, no centro comunitário.

2.6 Sujeitos da investigação

Neste contexto, os sujeitos desta investigação foram duas professoras do ensino fundamental (3º e 4º ano) e a supervisora educacional da escola, totalizando, portanto, 3 sujeitos colaboradores.

A Professora do 3º ano é graduada em Pedagogia com habilitação em séries iniciais e educação infantil, com especialização em Educação Ambiental. Possui muitos anos de docência e está próxima de sua aposentadoria.

A professora do 4º ano possui magistério, é graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Inclusiva, sendo esta a professora mais envolvida com os projetos de leitura na escola.

A supervisora escolar é graduada em Pedagogia, com especialização em Educação Infantil e está iniciando o curso de Gestão Educacional à distância. Este é o primeiro ano desta professora na escola, ela começou trabalhando com os anos iniciais do ensino fundamental e a partir do segundo semestre assumiu também os anos finais do ensino fundamental.

Nos primeiros contatos com a escola e em conversas informais com a diretora, se deu a escolha das professoras a serem entrevistadas. Primeiramente, a direção informou sobre o seu trabalho com a leitura, se mostrando receptiva a

realização da pesquisa e informando quais eram as professoras que mais se envolviam nos projetos e indicando a entrevista com a supervisora que coordena o trabalho.

A escolha das professoras a serem entrevistadas portanto, se deu pelo fato de serem estas as que trabalham mais diretamente com os projetos de leitura. Sendo que a professora A coordena estes projetos e as professoras B e C, há dois anos desenvolvem o projeto da biblioterapia ambulante.

Sujeitos colaboradores	Formação inicial	Tempo de atuação	Tempo de atuação na instituição	Cargo que ocupa
Professora A	Pedagogia	21 anos	1 ano	Supervisora educacional- turno manhã e tarde
Professora B	Pedagogia	32 anos	7 anos	Professora 4 ^º ano
Professora C	Pedagogia	28 anos	10 anos	Professora 3 ^º ano

Quadro 1 – Síntese dos sujeitos colaboradores

2.7 O processo de análise: dimensões categoriais

A investigação foi realizada primeiramente, a partir do delineamento do referencial teórico e posteriormente aconteceram as visitas na escola. O período de escrita do referencial teórico aconteceu, principalmente no segundo semestre de 2010 e no primeiro semestre de 2011, concomitantemente com o desenvolvimento das disciplinas do curso de especialização em Gestão Educacional.

Já no segundo semestre de 2011, foram coletados os dados no projeto político – pedagógico da escola e realizadas as entrevistas com os sujeitos colaboradores. Entrevistas estas que eram para serem realizadas no primeiro semestre, mas neste período ocorreram várias paralisações na escola e também na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o que adiou a realização das investigações na escola para o segundo semestre de 2011.

Após os dados levantados, iniciamos a análise dos mesmos e uma releitura do referencial teórico, para ajustes e complementações necessários.

Para a análise dos dados colhidos na investigação foram estabelecidas dimensões categoriais. A primeira dimensão categorial foi denominada: **a proposta oficial**. Esta categoria aborda às considerações presentes no projeto político-pedagógico. Procuramos nesta categoria compreender as concepções presentes neste documento acerca da leitura, fazendo uma discussão entre os dados levantados e os referenciais teóricos utilizados no desenvolvimento desta pesquisa. Como elementos categoriais desta emergiram: ponto de referência para a comunidade, gestão democrática, planos de estudo e trabalho coletivo.

A segunda dimensão categorial estabelecida diz respeito à: **as práticas efetivas**, a qual contempla as considerações relativas às práticas produzidas no cotidiano da escola pesquisada. Como elementos categoriais desta foram destacados: práticas de sala de aula, concepções docentes, projetos desenvolvidos, práticas solitárias e gestão escolar e os espaços de formação docente.

<p>A proposta oficial</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ponto de referência para a comunidade • Gestão democrática • Planos de estudo • Trabalho coletivo
<p>As práticas efetivas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Práticas de sala de aula • Concepções docentes • Projetos desenvolvidos • Práticas solitárias • Gestão escolar e os espaços de formação docente

Quadro 2 – Síntese das dimensões categoriais do estudo

3 GESTÃO ESCOLAR E AS PRÁTICAS DE LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

3.1 A Proposta oficial

No período de realização da pesquisa, o projeto político-pedagógico (PPP) da escola investigada estava em processo de discussão e reformulação, processo este previsto para ocorrer durante todo o ano. O atual que ainda está em vigência data de 2008 e não contém informações sistematizadas acerca das ações desenvolvidas pela escola em relação à leitura.

A realidade da comunidade escolar é de grande carência sócio-econômica, sendo que a maioria dos pais são analfabetos ou analfabetos funcionais, e tem como profissão: catadores de lixo, recicladores e empregadas domésticas. A partir disso a escola se torna um **ponto de referência para a comunidade**, como a instituição que vai proporcionar uma melhor formação para as crianças, lhes possibilitando chances de um futuro melhor e de inclusão social.

Sobre o perfil dos estudantes a escola coloca que,

A clientela dos anos iniciais, quanto ao aproveitamento, tem um baixo desempenho na aprendizagem, principalmente de leitura, escrita, interpretação e raciocínio lógico-matemático. A aprendizagem que mais se evidencia é a das experiências da vida (PPP, p. 2).

E também destaca que nesta faixa etária, dos anos iniciais do ensino fundamental, a criança está em transição do estágio pré-operacional para o estágio concreto. Diante dessa colocação já podemos perceber a difícil realidade que a escola enfrenta e a sua importância na formação de seus estudantes, como sujeitos capazes de compreender a realidade que estão inseridos e refletir a partir destas informações, buscando uma melhor qualidade de vida.

Dentre os objetivos da escola também se encontra presente a sua preocupação com a criticidade do estudante e a sua formação, destacando como prioritário,

Levar o aluno a questionar o meio em que o cerca, fazendo-o posicionar-se diante deste, para que enfrente as dificuldades encontradas sendo participativo, crítico, consciente, capaz de se auto-educar e transformar a realidade em que atua (PPP, p. 4).

Posteriormente, nos planos de estudo, é possível compreender que a escola tem como foco a leitura como um meio de atingir esses objetivos, formando um estudante mais crítico, questionador e reflexivo.

Durante a realização da pesquisa podemos perceber que mesmo o documento destacando a importância da leitura na formação do estudante, essa concepção não foi aderida por todos os professores.

A escola neste documento defende também, uma **gestão democrática**, que envolva a participação de todos, o que ainda não se efetiva plenamente na prática, nesta realidade. Como coloca Peripolli “a criação de ambientes participativos é, pois, uma condição básica da gestão democrática. Dela fazem parte uma visão de conjunto da escola e de sua responsabilidade social” (2009, p. 175).

A gestão democrática e participativa, não se instalará na escola de repente. Precisamos criar situações que estimulem a participação de todos e potencializar as já existentes, esta gestão é uma construção coletiva, que não é tarefa fácil, mas é preciso começar, partindo de cada escola que busque tornar mais participativa e conjunta as ações realizadas no seu contexto.

Dentro dessa mesma concepção, o projeto político-pedagógico da escola coloca que esta possui um conselho escolar, e realiza eleição para diretor, aspectos que auxiliam na construção dessa gestão democrática, mas não a asseguram plenamente. O conselho escolar é um instrumento importante para a construção de uma gestão democrática. Vasconcellos (2007) coloca que os conselhos são um espaço de democratização na escola, pois articulam todos os segmentos desta.

O papel da escola para que o processo de gestão se torne democrático vai mais além do que transmitir conteúdos. É função da escola formar o cidadão, assegurando ao estudante o acesso a apropriação do conhecimento sistematizado, mediante a instauração de um ambiente propício às aprendizagens significativas e as práticas de convivência democrática” (PPP, p.15).

O papel que a escola assume com a formação do sujeito também está presente em sua concepção de educação,

A educação tem um papel marcante tendo a capacidade de influir e de estimular importantes mudanças sociais, sendo assim deve ser totalmente repensada em todos os aspectos, priorizando os aspectos críticos, políticos e sociais (PPP, p. 6).

A reflexão de que seu estudante é um sujeito, inserido em uma sociedade precisa estar sempre presente. O estudante vive em sociedade, e os conteúdos estudados na escola precisam auxiliar esse sujeito a viver fora da escola. Os conteúdos não podem ter uma finalidade em si mesmos, precisam ter significado na vida do estudante.

Nos **planos de estudo** dos anos iniciais do ensino fundamental fica claro, que mesmo sem ter sistematizado seus objetivos em relação aos seus projetos de leitura, a escola já demonstra uma preocupação com a leitura e a escrita, sempre visando à formação de um cidadão crítico e a sua efetiva participação social. Como podemos perceber claramente nos objetivos do 1º e do 2º ano:

- Relacionar a criança com o meio e estabelecer, relações de convívio, bem como desenvolver o senso crítico, a criatividade e sua autonomia (1º ano).
- Promover a construção do conhecimento, desenvolvendo, a leitura e a escrita, o raciocínio e o pensamento lógico e a sociabilidade (2º ano) (PPP).

E também no transcrever de diversas competências:

- Manifestar idéias, valorizando a leitura como fonte de informação, prazer e conhecimento (2º ano).
- Ampliar o potencial lingüístico, estimulando o senso crítico e ético formando um cidadão participativo, cooperativo, capaz de desenvolver suas habilidades (2º ano).
- Ampliar o potencial lingüístico, estimulando o senso crítico, formando um cidadão crítico, participativo e cooperativo (3º ano).
- Utilizar diferentes linguagens como meio para produzir e comunicar suas idéias, questionar a realidade, formulando e resolvendo problemas, utilizando o pensamento lógico, a análise crítica (4º ano) (PPP).

Na análise destas competências fica perceptível, que a escola percebe a importância da leitura, na formação do sujeito e cidadão, no desenvolvimento de suas habilidades, de seu senso crítico e do pensar a realidade a partir das novas informações, questionando-a e a transformando para melhor.

Em relação à avaliação, a escola se propõe a uma avaliação contínua, que utilize de diversificados instrumentos e que estes sejam significativos, sendo esta um instrumento diagnóstico. Até o 4º ano a escola adota o regime de promoção continuada.

A prática educativa deve estar constantemente preocupada com a promoção da transformação social e não com a manutenção de forma inconsciente e não refletida. Precisamos ter clareza sobre nossas ações e

nossas práticas e que estas reflitam decisões mais explícitas sobre esse fazer pedagógico (PPP, p.16).

Como podemos perceber em todo o projeto político-pedagógico da escola, é clara a preocupação com as questões sociais, devido ao contexto no qual a escola está inserida. Mas ainda percebemos que este documento é frágil e precisa ser discutido e modificado a partir da realidade dessa escola e das necessidades que ela e sua comunidade apresentam no momento.

Não podemos esquecer da importância da formulação coletiva desse projeto para a escola, e nessa realidade específica sua formulação coletiva, poderia estimular todos a trabalharem em uma mesma direção com a leitura, adotando um projeto comum, que seria mais significativo para os alunos.

Vasconcellos (2007) ressalta a importância do **trabalho coletivo** na escola, colocando que a superação dos desafios que a escola vem enfrentando, se dará de forma coletiva e não isoladamente, e que o trabalho fragmentado precisa ser superado. A gestão democrática possibilita o trabalho coletivo na escola, fazendo com que esta funcione pautada em um projeto comum.

A gestão tem papel fundamental nas mudanças que a escola necessita para atender a formação do aluno para a nova organização social, que se apresenta. Mudanças significativas vão acontecer se houver um trabalho coletivo, com ampla participação de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar. A gestão democrática não será fácil de ser consolidada, existe um caminho longo a ser percorrido, que exige a participação e o envolvimento de todos estes sujeitos.

Partindo da leitura do projeto da escola pesquisada percebemos que o trabalho que esta realiza em relação à leitura é bem mais significativo e importante do que o apresentado no seu projeto político-pedagógico. Dados relativos ao projeto da biblioterapia ambulante e do carrinho de supermercado, não se encontram sistematizados neste documento. Devido a este fato, os dados encontrados no projeto político-pedagógico, foram poucos, os de maior relevância estão nos planos de estudos dos anos iniciais do ensino fundamental.

Neste documento vigente percebemos a fragilidade da sua construção e do seu conteúdo. E que este projeto não é mais compatível com a realidade da escola e com as suas necessidades.

A partir da leitura deste projeto e do reconhecimento da realidade dessa escola constatamos a importância da formulação coletiva deste documento e da sua

constante atualização, por parte de todos os profissionais da educação e a comunidade escolar. Veiga (2006a), quando discute o projeto político-pedagógico coloca que, “ele é construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos com o processo educativo da escola” (p. 13).

A própria LDB em seu artigo 14 coloca que o projeto político-pedagógico precisa ser construído com a participação de todos os profissionais da educação e com a comunidade escolar. Pois, o projeto político-pedagógico é uma leitura da realidade na qual a escola está inserida, e é a partir dele que a escola vai se organizar, traçar objetivos e metas. Por isso, sua construção precisa ser coletiva, de modo que todos os sujeitos envolvidos participem ativamente.

A elaboração deste documento como coloca Buossmann (2006),

Não se trata meramente de elaborar um documento, mas fundamentalmente, de implantar um processo de ação-reflexão, ao mesmo tempo global e setorizado, que exige o esforço conjunto e a vontade política da comunidade escolar consciente da necessidade e da importância desse processo para a qualificação da escola, de sua prática, e consciente também, de que seus resultados não são imediatos (p. 37).

Este documento precisa estar constantemente sendo discutido, revisto e utilizado pela escola, pois ele é a identidade dessa escola, é ele que vai nortear as suas ações. Veiga (2006b) enfatiza essa ideia quando coloca a influência do contexto na realidade escolar; esse contexto influencia a escola e por ela é influenciado, por isso precisa ser considerado para a formulação deste projeto, pois a escola buscará atender as necessidades dos estudantes que fazem parte desse espaço.

O projeto político-pedagógico é uma leitura da realidade da escola e de sua comunidade, organiza as ações da escola e traça metas e objetivos, ele é importante para a melhoria da realidade dessa escola. Sua importância precisa ser considerada e este se fazer presente no cotidiano da escola.

3.2 Práticas efetivas

O processo de ensino/aprendizagem é um trabalho realizado coletivamente. Uma escola é formada por vários profissionais, que precisam estar comprometidos

com essa escola e envolvidos em um projeto comum, para que seu trabalho seja significativo na formação do seu estudante e da sua comunidade.

A escola pesquisada possui dois projetos pontuais relacionados à leitura: a biblioterapia ambulante e o carrinho de supermercado. Mas além desses projetos, as professoras entrevistadas dizem que a leitura esta diariamente em suas **práticas de salas de aula**, como se pode perceber em trechos de suas narrativas:

Nós enquanto alfabetizadoras, o nosso, a nossa, o nosso trabalho, a nossa ação pedagógica ela se baseia praticamente quase cem por cento em função do acesso à leitura, do incentivo à leitura [...] então eu procuro no meu dia-a-dia proporcionar o máximo que eu posso de situações na sala de aula, onde eu possa estar levando e incentivando o gosto pela leitura. Todos os dias na minha sala eu começo a minha aula sempre através de produção de textos através de leitura, de questionamentos, ou seja, através de músicas, ou seja com o projeto do carrinho de leitura; [...] eu uso muito gibi (Professora B).

É quase que diariamente a gente faz leitura; [...] a hora do conto também uma vez por semana a gente realiza, independente da biblioterapia [...] eu trabalho assim, trabalho também com a troca de livrinhos; [...] as vezes eles vêem, lêem na frente ali, dramatizam alguma coisa, contam a historinha que leram (Professora C).

A leitura se faz sempre presente nos planejamentos diários das duas professoras, o que demonstra o quanto elas consideram importante à leitura para a formação de seus alunos. O trabalho em sala de aula, como colocado pelas professoras é permeado por situações diversas que possibilitam aos estudantes o contato com diferentes portadores de textos, que eles não têm acesso em casa, nesta realidade, como colocado por estas professoras diversas vezes.

Ferreiro (2007) coloca que “o conhecimento das funções sociais da escrita é ‘natural’ em crianças cujos pais são alfabetizados, mas não tem nada de ‘natural’ em outras, que não tiveram as mesmas oportunidades de interagir com os diferentes tipos de objetos sociais que portam marcas escritas” (p. 71).

O acesso a estes materiais e os seus usos sociais, é importante para o processo de alfabetização destes estudantes, especialmente, porque a maioria dos pais são analfabetos ou semialfabetizados. E como o professor realiza o seu trabalho em sala de aula é fundamental para este acesso e para a reflexão sobre a utilidade social da leitura.

Neste contexto, Vasconcellos (2007) ressalta a importância do planejamento do professor, é através deste que o professor vai gerir o espaço da sala de aula. O

planejamento possibilita ao professor organizar melhor o seu trabalho e refletir a partir da prática, qualificando-a sempre. Pois, é o professor em sala de aula quem pode operar mudanças nas normas e planos de trabalho.

O trabalho destas professoras, realizado diariamente, é muito importante para seus estudantes. O fato delas acreditarem na importância da leitura e estarem colocando em prática suas ideias faz diferença na vida destes estudantes.

Para compreendermos as práticas das professoras, precisamos analisar as **concepções docentes**, que embasam o seu trabalho. Pois diante das falas percebemos divergências em relação aos objetivos propostos de cada professora para trabalhar a leitura, o que fragiliza o trabalho realizado.

[...] a questão da leitura é uma prioridade nossa por quê? A nossa escola o IDEB dos anos iniciais está em 3,4, então é uma das escolas assim que está entre as seis com o IDEB mais baixo [...] a gente faz um estudo assim da Prova Brasil, que é aplicada nos quintos e nonos anos, o universo da leitura é bem amplo, não se restringe assim a uma dimensão, então é poesia, é acróstico, é texto enciclopédico, é quadrinhos, então de ter essa proposta no dia-a-dia de sala de aula (Professora A).

A professora A colocou que o trabalho com a leitura é o foco da escola, buscando uma melhoria do IDEB e melhores resultados na Prova Brasil. Nesta fala percebemos a importância das avaliações externas a que a escola é submetida. Dentre as avaliações a escola recebe a Prova Brasil e a Provinha Brasil e dentre os programas do governo, o PNLD. Estas ações influenciam diretamente no trabalho pedagógico realizado na escola, pois o foco passa a ser responder bem a estas avaliações.

Já as outras professoras colocam o trabalho com a leitura sob uma outra perspectiva, acreditam na leitura como um elemento fundamental na formação dos alunos, e desenvolvem o seu trabalho com este foco.

O ato de ler é um exercício imprescindível [...] despertar o gosto pela leitura, o incentivo pela prática da leitura porque isso depende muito a aprendizagem. É um exercício maravilhoso onde tu pode desenvolver o teu senso crítico, pensamento reflexivo; [...] colabora também bastante para a construção da visão crítica do mundo , se coloca assim de forma bastante crítica frente a situações do mundo , enfim a leitura é imprescindível na vida de qualquer pessoa não só no mundo da leitura, não só na escola, mas enquanto pessoa (Professora B).

[...] a gente trabalha bastante ligado na realidade, interagindo aqui nesse meio que ela vive, que ela tá inserida, assim que a gente trabalha, com certeza a leitura é a base de tudo, a leitura é fundamental (Professora C).

A partir das falas percebemos o quanto seria importante, a gestão dessa escola, buscar o envolvimento de todos no trabalho com a leitura. Na fala da Professora A, a influência das avaliações externas é direta na realização de seu trabalho, na escola com a leitura, o que não acontece na fala das outras professoras.

Diante dessas falas compreendemos que a leitura, para a professora A, que se encontra no momento em um cargo de coordenação, está sendo trabalhada para responder as avaliações externas a qual a escola está exposta. Realidade esta que é vivenciada por outras escolas também, pois os órgãos do governo buscam estimular uma melhor qualidade da educação, através das avaliações, mas o que não pode se tornar o foco de trabalho acrítico da escola.

Mas em outros trechos da fala desta mesma professora, ela demonstra um outro aspecto em relação ao seu trabalho com a leitura. Questionada sobre qual seria a prioridade do trabalho com a leitura, ela coloca:

O prazer, o prazer de ler, o hábito da leitura e o prazer de ler, a gente acredita se o aluno não é estimulado para ler ele não vai ler e o único contato que ele tem com a leitura a maioria dos nossos alunos é aqui na escola (Professora A).

Pérez e Gárcia (2001) ressaltam a leitura como instrumento que permite ao estudante continuar aprendendo autonomamente. A leitura é fundamental para que ele saiba aprender a aprender, e não somente decore os conteúdos. Para que saiba ler o mundo que o cerca e refletir a partir dessa leitura, se tornando mais crítico e reflexivo.

O fato de o estudante só ter acesso à leitura na escola, na realidade pesquisada, é fala presente e constante na narrativa das três professoras entrevistadas. Elas ressaltam constantemente a importância da escola em proporcionar o acesso à leitura que esses alunos não vão ter em casa, devido à grande carência sócio-econômica das famílias.

Questionada a professora B, em relação ao que considera mais importante para trabalhar a leitura ela coloca:

[...] o acesso, o acesso a leitura [...], geralmente o contato que eles têm com a leitura na casa deles é através dos jornais que vem em mercadoria pra dentro da casa onde o pai às vezes compra no mercado (Professora B).

Além do aspecto do acesso, a professora B também destaca, em sua fala, a importância da leitura para o desenvolvimento do senso crítico:

Ler é um exercício maravilhoso onde tu pode desenvolver o teu senso crítico, reflexivo (Professora B).

A leitura é sempre colocada pelas professoras como fator fundamental na formação de seus estudantes, e a leitura por prazer, não por obrigação.

Diante das narrativas das professoras entrevistadas percebemos que a escola pesquisada ainda precisa buscar um projeto comum, em relação à leitura, como escola, o que ainda não acontece.

Dentre os **projetos desenvolvidos** pela escola, em relação à leitura, esta desenvolve dois projetos nos anos iniciais do ensino fundamental, a biblioterapia ambulante (armário ambulante) e o carrinho de supermercado.



Figura 1 – Projeto Biblioterapia Ambulante

Fonte: Acervo do autor



Figura 2 – Projeto Carrinho de Supermercado

Fonte: Acervo do Autor

A biblioterapia ambulante, que assim é chamado um armário ambulante, foi criada pela professora B com o apoio da professora C. Esse armário é cheio de livros, gibis e jornais. Ele é colocado uma vez por semana no pátio durante o recreio para que os alunos possam ler, ao seu redor é montado um ambiente estimulador a leitura, com almofadas, tapetes e bancos. Também são realizados teatros e apresentações de dança.

Nesse momento os estudantes têm acesso a vários materiais de leitura. Segundo relato das professoras que coordenam o projeto, ele diminuiu a violência durante o recreio entre as crianças, melhorou a qualidade na aprendizagem dos alunos em relação à leitura e despertou o gosto por esta.

O projeto na hora do recreio deu muito certo, deu um salto de qualidade na aprendizagem deles, na visão deles na questão da leitura, despertou o gosto pela leitura, ta sendo muito positivo (Professora B).

Este projeto é a realização de um sonho da professora B, o que fica claro no seguinte trecho de sua narrativa:

A biblioterapia ambulante é um projeto que surgiu de um sonho, fazia bastante tempo, então esse projeto de leitura eu tinha um sonho de proporcionar na hora do recreio um momento pra eles [...] ai eu tive essa ideia do armário, confeccionar o armário com recurso próprio e daí eu coloquei o nome de biblioterapia ambulante, onde o armário tem rodinhas com vários tipos de leitura

[...] então eu levo pra leitura o armário ambulante onde eu crio todo um cenário uma vez por semana, eu coloco tapetes na frente na calçada ali, coloco tapetes, almofadas, e coloco o armário lá, abro o armário recheado de livros [...] onde eles quiserem ler eles vão ler, ai eles chegam eles escolhem os livros que eles querem ler e depois eles retornam (Professora B).

Esta professora busca sempre inovar com este projeto e ainda tem como objetivo ampliá-lo e levá-lo até o centro comunitário, para que as famílias também tenham acesso à leitura e possam incentivar seus filhos a lerem, dando o exemplo, que é muito importante na formação de leitores.

Para que esse projeto acontecesse foi preciso muito esforço desta professora, que por muito tempo sofreu resistência por parte de seus colegas, até encontrar apoio em uma colega e ver seu projeto dar resultados positivos.

O segundo projeto é o carrinho de supermercado, criado por uma outra professora da escola também, que pediu remoção, mas o projeto teve continuidade mesmo após sua saída. Este carrinho é cheio de livros, jornais e diferentes portadores de texto, e a cada tarde ele fica em uma sala de aula para que o professor utilize com os estudantes.

Acreditamos que a iniciativa é muito importante, pois a biblioteca da escola é um espaço pequeno e que também não tem grande acervo. E as alternativas encontradas pela escola para suprir essa carência, como a biblioterapia ambulante e o carrinho de supermercado, estão dando certo.

A biblioteca é um espaço importante para a formação do leitor, e normalmente é pouco utilizada, na maioria das vezes é vista como um apêndice nas escolas. E o bibliotecário, quando existe, não tem seu trabalho valorizado.

As escolas que tem biblioteca, na maioria das vezes esses espaços são pequenos, mal conservados e com pouco acervo. Professores e alunos também utilizam esse espaço de qualquer maneira.

A biblioteca não é utilizada como espaço de pesquisa, que auxilia na construção do conhecimento e como um importante espaço na formação do leitor. A escola precisa dar mais atenção a estes espaços, utilizando-os de melhor maneira. Pois, “não basta que a biblioteca execute somente as tarefas técnicas de difusão da informação; é necessário que ela exerça influência ativa e dinâmica no contexto envolvente” (SILVA, 1995, p. 72).

A escola precisa dar mais atenção à biblioteca, aos seus bibliotecários e potencializar a utilização deste espaço, que é muito importante na formação de alunos leitores.

É perceptível nas narrativas das professoras a realização de uma **prática solitária** no trabalho relacionado à leitura. Ferreiro (2007) coloca que o trabalho do professor alfabetizador é um trabalho solitário e pouco valorizado na escola. O que percebemos na fala das professoras entrevistadas, quando a professora B deixa claro que a realização do seu projeto (biblioterapia ambulante) é um sonho seu, e que durante um longo tempo ela buscou apoio para sua realização, sem sucesso, até que conseguiu apoio da professora C para colocar em prática esse sonho.

O projeto foi lançado ano passado e é uma contribuição minha fora do meu trabalho da sala de aula, é uma contribuição minha pra escola, pros alunos (Professora B).

É no início assim essa minha colega que ela é a mentora do projeto [...] ela já vinha assim há uns dois anos mais ou menos assim tendo essa ideia de colocar em prática, nem os colegas, nem a direção da escola não acreditavam muito, porque na hora do recreio, não isso ai não vai dar certo [...] então ela, esse era um sonho dela sabe e até que no ano passado ela disse [...], ai nós fomos trabalhar as duas no mesmo ano, o terceiro ano, queria te convidar vamos, aceita esse desafio? Eu disse, olha eu aceito (Professora C).

Para que o projeto da biblioterapia ambulante fosse desenvolvido a Professora B, percorreu um difícil caminho até encontrar apoio em uma colega, como descrito nos trechos acima das narrativas, elas não encontraram apoio nem por parte da direção, nem dos colegas. E hoje mesmo com o projeto dando certo elas ainda enfrentam muitas dificuldades.

Este sentimento de solidão pedagógica também é definido por Isaia (2006), “sentimento de desamparo dos professores frente à ausência de interlocução e de conhecimentos pedagógicos compartilhados para o enfrentamento do ato educativo” (p. 373).

Ato educativo este que deveria acontecer de forma coletiva, mas que na realidade pesquisada não acontece. E, então, observamos que as professoras estão desmotivadas, mas continuam realizando o seu trabalho.

No segundo semestre, quando foram realizadas as entrevistas, as professoras ainda não tinham conseguido colocar em prática, o projeto da biblioterapia ambulante, apesar de este se realizar somente em uma tarde por

semana. Se este trabalho, em relação à leitura fosse aderido por todos na escola, seria mais significativo e estas professoras não estariam tão sobrecarregadas e solitárias no enfrentamento desta jornada.

Este fato também ocorreu, devido às várias paralisações que estavam acontecendo no sistema público municipal de Santa Maria (RS), elas ainda não haviam conseguido organizar seus horários; pois para que o projeto fosse realizado na hora do recreio são as duas professoras entrevistadas, que se ajudam e organizam tudo.

Percebemos neste contexto a importância da realização de um trabalho coletivo na escola, pois se todos buscassem os mesmos objetivos e se envolvessem nos projetos de leitura, as professoras não estariam sozinhas e faria parte da rotina da escola à efetivação destes projetos, os quais vêm produzindo resultados positivos, em uma realidade que apresenta tantas dificuldades.

Questionadas então, em relação aos desafios que encontram no trabalho com à leitura, destacam a falta de acesso dos estudantes à leitura no ambiente familiar, a resistência de estudantes e professores em relação à leitura e a falta de participação da família na escola e na educação de seus filhos. As narrativas abaixo expressam estes aspectos:

A resistência em primeiro lugar, ai não é legal, não quero, não vou ler, da trabalho, é ruim, e também a resistência de alguns professores em trabalhar essa questão da leitura um pouco mas tem também, ainda tem (Professora A).

[...] pouco acesso que eles têm, desde o seu nascimento até chegar o período da escola, eles têm muita dificuldade na aprendizagem, pra gente alfabetizar aqui a escola tem bastante dificuldade, eles têm muita dificuldade. Acho também que é com certeza pelo pouco acesso e incentivo ao mundo da leitura (Professora B).

[...] a família não incentiva em casa, essa parte a gente, como é que eu vou dizer, é um problema bastante sério, porque é o que eles vêem a realidade que a gente enfrenta assim na escola porque em casa assim pouco são os pais, mães no caso que acompanham, no tema, no fazer a leitura diária, a gente faz assim as reuniões no início do ano, pedindo a participação delas, porque eles estão num processo de alfabetização, que é muito importante, a família, leva o tema, leiturinha pra casa, mas a gente sabe que elas não fazem (Professora C).

Quando buscamos a formação de leitores, o trabalho conjunto entre escola e família se faz fundamental. O estímulo e o exemplo dos pais em casa são muito

importantes. Mas dentro dessa realidade o apoio familiar quase não acontece, e como é colocado pelas professoras, a escola é o único local onde essas crianças vão ter acesso.

Refletindo a partir destas informações, a ideia da professora de ampliar o seu projeto de leitura para o centro comunitário é muito importante, tendo em vista que viabilizaria as famílias terem acesso à leitura, incrementando a criação de ambientes leitores para além do espaço escolar.

Ressaltando aspectos já apresentados nas narrativas das professoras, destacamos a fala da professora C:

[...] a gente trabalha bastante ligado na realidade [...] com certeza a leitura é à base de tudo, a leitura é fundamental (Professora C).

Apesar das dificuldades encontradas no caminho, essas professoras persistem em seu trabalho, acreditando na leitura como elemento fundamental na formação de seus alunos e na sua própria formação.

De fato a formação do leitor exige esforços compartilhados entre comunidade, escola e família. Um trabalho desta natureza precisa ser construído de forma coletiva e a escola especialmente neste contexto possui uma grande responsabilidade neste empreendimento.

Entretanto, consideramos que para estes projetos possam se expandir para além dos muros da escola, eles precisam antes serem fortalecidos no próprio contexto escolar.

Como aspecto central deste processo destacamos o papel da **Gestão escolar e os espaços de formação docente**, que são importantes para a realização do trabalho colaborativo.

Na escola pesquisada, percebemos o quanto é fragmentado o trabalho realizado pela gestão. A escola possui projetos significativos relacionados à leitura, só que estes projetos são realizados de forma solitária pelas professoras, sem o apoio de toda a comunidade escolar.

Percebemos nesta realidade a importância da gestão no contexto escolar. Se a gestão dessa escola buscasse um trabalho coletivo, certamente os projetos desenvolvidos proporcionariam uma melhora na qualidade do ensino, de forma mais abrangente.

Lück (2006) enfatiza o papel da gestão educacional na resolução dos problemas da escola, destacando a importância do trabalho coletivo, envolvendo toda a comunidade escolar.

A gestão participativa se faz fundamental na melhoria da qualidade do ensino, proporcionando uma melhor formação para os estudantes. A busca por esta gestão já qualificaria o trabalho realizado nesta escola, tornando mais significativa a realização dos projetos realizados.

A gestão também é o elemento que vai organizar na escola, os espaços de formação, potencializando os momentos de discussão sobre a prática, que são tão importantes para a melhoria do ensino.

Sabemos que a formação em serviço se faz fundamental para a melhoria das práticas, pois como coloca Freire (1996), é pensando criticamente a prática de ontem e de hoje e que poderemos melhorar a de amanhã.

Em relação a sua formação as professoras entrevistadas se comprometem com a leitura e também se consideram leitoras, lendo em casa, pois acreditam que para apoiar o seu trabalho no dia-a-dia é preciso ler e estar sempre se atualizando. Como percebemos nos seguintes trechos:

Cada professor, eu considero muito importante ter seu próprio acervo pra estar, apoiando seu trabalho no dia-a-dia, porque não se consegue fazer um bom trabalho, embasar teu plano de aula, o teu planejamento, sem tu ter um acervo, tu ter uma referência (Professora B).

[...] participei de um curso de letramento que tem no município, no ano passado de alfabetização que ajudou muito, porque a gente faz o curso superior e depois são os cursos de formação continuada que a gente tem, que a rede municipal propicia pra nós todos os professores da rede, e as leituras que a gente faz na escola, nas nossas reuniões pedagógicas, em casa vou ser bem sincera, trabalho quarenta horas, então eu não tenho muito tempo mais (Professora C).

As professoras expressam considerações relativas aos espaços de formação destacando como formação os espaços oferecidos pelos órgãos do governo e de formação inicial. Mencionam ainda a formação que acontece em serviço, nas reuniões e leituras realizadas. Acreditamos que os dois exemplos de formação são importantes.

Entendemos que a formação realizada na escola, no seu cotidiano, tem mais impacto na formação do professor, pois parte da sua realidade, das necessidades da escola e importa destacar que a formação é um processo de construção de cada

professor diante das necessidades enfrentadas no cotidiano, por isso o professor não pode somente esperar que o governo ofereça cursos. Sua formação acontece especialmente, no seu ambiente de trabalho, na troca de experiências e informações com os colegas, nas reuniões, nas discussões, nas leituras, nos erros e acertos e na busca de realizar uma prática melhor.

Um dos problemas também apresentados, por uma das professoras entrevistadas é o seu excesso de carga horária o que dificulta, faltando tempo para se dedicar a leitura. Então, essa professora ressalta as leituras realizadas nas reuniões pedagógicas e os cursos de formação que frequenta. Percebemos a partir disso a importância da formação na escola, nas reuniões pedagógicas e não somente as oferecidas pelos órgãos do governo.

A formação de professores se dá principalmente em serviço, e é no ambiente de trabalho, na escola que essa formação precisa acontecer. A discussão teoria-prática-teoria precisam estar presentes na escola, buscando uma qualificação da prática do professor e que este tenha maior consciência do trabalho que está realizando, se comprometendo assim com seus alunos e com sua escola.

A própria LDB 9394/96 quando fala sobre a formação de professores coloca em seu art. 61, parágrafo primeiro, “a associação entre teorias e práticas inclusive mediante a capacitação em serviço”. A formação de professores é o foco, é fundamental se quisermos uma educação melhor, e as discussões entre a teoria e a prática são importantes para que o professor repense o seu trabalho e o qualifique.

Neste processo de formação a gestão tem um papel importante, como organizadora e articuladora desse processo. A organização de espaços de formação dentro da escola são fundamentais para a melhoria das práticas e uma melhor qualificação dos professores. A escola é um ambiente de trabalho coletivo, que precisa ser estimulado e valorizado, buscando sempre a melhoria do ensino/aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Construir uma escola de qualidade, que atenda as necessidades dos educandos, não é tarefa fácil, mas as dificuldades precisam ser superadas, em prol de uma melhor formação e uma educação de melhor qualidade.

Ao refletirmos sobre esta construção, procuramos responder, nesta pesquisa, a seguinte questão: Como se dá a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental? Para tanto, tivemos como objetivo geral: compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. E como objetivos específicos: conhecer a abordagem didático-pedagógica dos professores em relação à leitura e compreender as concepções teórico-metodológicas que sustentam as práticas de leitura na escola pesquisada.

Tendo em vista a problemática e objetivos propostos, desenvolvemos a pesquisa em uma escola que vinha realizando projetos interessantes de leitura, informações estas obtidas em conversas informais. Tais informações colocavam em evidência a relevância da realização da pesquisa nesta instituição em especial. Inclusive em decorrência do conhecimento prévio da realidade socioeconômica na qual está a escola inserida, reforçando, ainda, mais a sua importância diante da realidade enfrentada pelos estudantes. Mesmo com um contexto não favorável, a escola busca alternativas para melhorar e estas precisam ser valorizadas.

O desenvolvimento da pesquisa foi sendo guiado pelas necessidades e características peculiares da realidade em questão, permitindo que os objetivos e a problemática assumissem contornos próprios a este contexto, ampliando-se e gerando novas compreensões relativas ao tema.

O reconhecimento da realidade desta escola a partir das categorias **proposta oficial** e a **proposta efetiva** colocaram em evidência distâncias existentes entre o que se preconiza como importante no contexto escolar e modo como as ações são produzidas no cotidiano da escola.

Tanto nos planos de estudo, como no projeto político-pedagógico da escola a leitura se faz sempre presente, buscando a formação de um cidadão crítico, que compreenda o meio no qual está inserido, o que é muito importante, e trabalho este que é realizado pelas professoras entrevistadas.

Em relação às práticas efetivas, observamos que de acordo com as narrativas das professoras entrevistadas, as atividades de leitura são ações cotidianas em suas aulas, realizando-as a partir de diferentes atividades com diversos portadores de texto, de uso social, possibilitando principalmente o acesso a estes materiais que os estudantes não têm em casa.

Entretanto, evidenciamos que diferentes concepções, em relação à leitura, embasam o trabalho das professoras entrevistadas. Trabalham com foco na leitura, mas com concepções diferentes. A escola realiza práticas interessantes, mas a coordenação e as professoras não trabalham buscando objetivos comuns, fragilizando o incremento das ações realizadas. Percebemos que o projeto político-pedagógico entendido como a leitura, a reflexão e a concretização de uma proposta coletiva não se efetiva na escola pesquisada, de modo mais sistemático.

Estes aspectos podem ser indicados como situações que fragilizam o ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental. De forma mais específica, estas dimensões são manifestadas no desenvolvimento dos projetos que a escola realiza.

A escola tem projetos importantes e significativos em relação à leitura, só que estes, por não terem a adesão de todos os professores, têm sido restringidos, minimizando seu impacto na formação dos estudantes desta realidade.

Entendemos que esta adesão seria imprescindível para o fortalecimento destes projetos e conseqüentemente do trabalho docente, permitindo a superação do sentimento de solidão que as professoras manifestam em suas narrativas. As professoras responsáveis por dinamizar os projetos atualmente na escola precisam continuar acreditando e realizando o seu trabalho, que é fundamental para a formação dos seus alunos. Mas a escola precisa construir um trabalho coletivo, buscando objetivos comuns, pois quando um projeto é aderido por toda a escola, este se fortalece e se efetiva.

O reconhecimento destes aspectos permite colocar em destaque a importância da gestão na qualificação das práticas, para a significativa melhora do ensino/aprendizagem. Ressaltamos que o trabalho coletivo e a busca por uma gestão democrática e participativa seriam importantes para a realização de um trabalho mais significativo nesta escola. Neste contexto, a construção e efetivação de um projeto político-pedagógico se coloca como condição imprescindível.

Esse foi o elemento mais significativo levantado no decorrer da pesquisa. Para que os projetos de leitura tenham maior significado na formação dos

estudantes é preciso que todos estejam engajados, e é neste momento que se sente a necessidade de uma gestão democrática e participativa.

A leitura é importante, o projeto político-pedagógico é importante, mas para que tudo isso tenha significado na vida dessa escola todos precisam participar e se envolver realmente. Uma gestão democrática e participativa tem como premissa a participação de todos e o envolvimento em busca dos mesmos objetivos, assim os professores realizam o seu trabalho docente com prazer acreditando, que mesmo diante das dificuldades, bons trabalhos podem ser realizados.

Em relação aos professores, não podemos deixar de enfatizar a necessidade de constante atualização, buscando a formação continuada, inclusive em serviço. Pois a reflexão acerca de sua prática é fundamental para qualificá-la e neste processo o papel da gestão é muito importante, como organizadora e articuladora destes momentos de formação na escola.

Este professor que busca a formação de estudantes leitores, que acredita na importância da leitura, antes de tudo também precisa ser um leitor, dar o exemplo e incentivar os estudantes a lerem.

No desenvolvimento da pesquisa podemos perceber que os estudantes, da escola pesquisada só têm acesso a leitura neste ambiente, assim se faz mais importante, ainda, a união de todos em busca dos mesmos objetivos, para que estes estudantes se tornem leitores.

A escola enfrenta diferentes desafios e dificuldades, mas se quem nela trabalha não acreditar que as coisas podem mudar e dar certo, e não buscar isso, realmente as coisas não irão acontecer.

Diante de algumas falas das professoras entrevistadas foi possível evidenciar a influência das avaliações externas à escola em seu trabalho. Como coloca Freire “a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, sequer, a educação sem que se fique atento à questão do poder” (1989, p. 24).

Não podemos ser ingênuos pensando que a prática do professor é neutra, o professor assume uma posição e o seu discurso precisa ser coerente com sua prática, buscando uma educação emancipadora e libertadora e especialmente consciente de seu compromisso social.

A escola se encontra em uma realidade carente, na qual os jovens não têm muitas perspectivas de vida. Neste sentido, o trabalho realizado por esta escola se

torna ainda mais importante. Os conteúdos são importantes, mas a formação do estudante como sujeito, cidadão, capaz de acreditar em um futuro melhor se coloca como prioritário nesse contexto. Devido a esta realidade apresentada, o ensino/aprendizagem para se tornar significativo precisa partir desta realidade na qual o estudante está inserido, além de ampliar os seus horizontes, a sua visão de mundo, possibilitando assim uma nova leitura deste.

Entendemos que este processo relaciona-se com a construção de práticas coletivas, consolidadas a partir da elaboração, concretização e constante atualização do projeto político-pedagógico, pois este apresenta a leitura da realidade da escola e traça seus objetivos.

Assim, este percurso de pesquisa, ao colocar em destaque estes aspectos de forma intensa, permitiu que os estudos e discussões realizados durante o curso de especialização ganhassem um novo significado. Compreendemos, especialmente, que:

- A importância do trabalho coletivo realizado na escola. Sem este, mudanças significativas não acontecem. É preciso que todos busquem os mesmos objetivos, se envolvam e procurem qualificar o ensino/aprendizagem.
- Este trabalho coletivo precisa envolver a comunidade na qual a escola está inserida, e colaborar com a melhoria desta. Pois, os conhecimentos aprendidos na escola ganham maior significado fora desta, e auxiliam o estudante a atuar de uma melhor maneira na sociedade.
- A gestão do ensino precisa ser compreendida como um processo que ultrapassa a dimensão de sala de aula. Ele precisa ser assumido como um processo coletivo que acontece em todos os espaços da escola e de responsabilidade de todos os sujeitos envolvidos.
- A efetivação de uma gestão democrática e participativa é fundamental para a qualificação das práticas escolares. Somente com a participação de todos e a busca por objetivos comuns conseguiremos melhorar a realidade da escola.

Certamente nós educadores temos muitas responsabilidades e grandes desafios, mas é somente com dedicação, luta, estudo, pesquisa, reflexão é que conseguiremos concretizar mudanças.

Os desafios são grandes, mas em nossa trajetória, até agora percorrida, todas as dificuldades deram-nos mais força para continuar, acreditando no potencial e no futuro de cada um de nossos estudantes com os quais trabalhamos, e na construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel (org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ARANHA, Antônia S. Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços da aprendizagem. In: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora M.(org.). **Gestão Educacional - novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005, p.75-86.

BOLZAN, Dóris Vargas. **A construção do conhecimento pedagógico compartilhado**: um estudo a partir de narrativas de professores do Ensino Fundamental. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

BRASIL, Ministério da educação e cultura. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei Nº 9.394/96. Brasília, 1996.

_____. Governo Federal. **Ministério da Educação**. <http://portal.mec.gov.br>.

_____. Governo Federal. **Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira**. <http://portal.inep.gov.br/>

BRUNO, Lúcia. Poder e administração no capitalismo contemporâneo. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Gestão democrática da Educação**: desafios contemporâneos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 15-45.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FERREIRA, Liliana Soares. **Produção de leitura na escola**: a interpretação do texto literário nas séries iniciais. Ijuí: Unijuí, 2001.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

_____. **Com todas as letras**. 14. Ed. São Paulo, Cortez, 2007.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

LÜCK, Heloísa. **Concepções e processos de gestão educacional**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008: Cadernos de gestão.V.II.

LÜCK, Heloísa. **Gestão educacional: uma questão paradigmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006: Cadernos de gestão. V.III.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOUSQUER, Maria Elizabete Londero. A gestão democrática do ensino público na gangorra dos acontecimentos político-ideológicos no Rio Grande do Sul. **Revista de gestão e avaliação educacional**. UFSM. V.1, N.1, p. 11-22, Jan-Jun. 2009.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira, 2002.

PERIPOLLI, Arlei. et al. Equipe gestora: (re) significações possíveis no contexto escolar. **Revista de gestão e avaliação educacional**. UFSM. V.1, N. 2, p.173-190, Jul- Dez. 2009.

PÉREZ, Carvajal Francisco; GARCIA, Joaquín Ramos. A alfabetização como meio de recriar a cultura. In: PÉREZ, Carvajal Francisco; Garcia, Joaquín Ramos (orgs.). **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto alegre: Artmed, 2001, p. 45-50.

SANDER, Benno. **Políticas públicas e gestão democrática da educação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Libertad Editora, 2007.

VEIGA, Ilma Passos A. (org.) **Projeto político pedagógico da escola: uma construção possível**. 22. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2006a.

VEIGA, Ilma Passos A; RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves. (orgs.) **Escola: espaço do projeto político pedagógico**. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006b.

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Gestão Educacional

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: A gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental

Pesquisador responsável: Doris Pires Vargas Bolzan

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria- Programa de Pós- graduação (PPGE/UFSM)

Telefone para contato (inclusive a cobrar): (55) 99237001 (autora)

Autora: Barbara Schizzi

Endereço: CE/UFSM - Sala 3336B - sala da pesquisadora responsável

Telefones para contato: (55) 99237001 (autora) e (55) 3220-8023 (pesquisadora)

Local da coleta de dados: Escola Municipal de Ensino Fundamental Diácono João Luiz Pozzobom.

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Você precisa decidir se quer participar ou não. Por favor, não se apresse em tomar a decisão. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte ao responsável pelo estudo qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Este estudo tem como objetivo principal compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nesta medida, você professor ao aceitar participar da investigação participará de entrevistas semi-estruturadas, onde relatará sobre as atividades e propostas de leitura que vem realizando na escola pesquisada, e especialmente sobre as dificuldades e desafios que esta aprendizagem tem colocado ao seu trabalho com os anos iniciais.

Ressaltamos que você, como colaborador da presente pesquisa, poderá deixar de participar do estudo caso assim o desejar, a qualquer momento, sem que disso advinha algum prejuízo, não haverá dano moral. Também, não acarretará custos ou despesas a você.

As informações obtidas serão utilizadas única e exclusivamente para esta pesquisa, sendo acessadas somente pela pesquisadora responsável e pela autora e estando sob responsabilidade das mesmas para responderem por eventual extravio ou vazamento de informações confidenciais. O seu anonimato será preservado, em qualquer circunstância, o que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem desta investigação.

Ademais, as informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na sala 3336B, Centro de Educação da UFSM, por um período de cinco anos sob os cuidados da pesquisadora responsável. Após este período, os dados serão destruídos, através da queima dos arquivos.

Os resultados encontrados neste estudo serão publicados em revistas relacionadas à área da Educação, como também, divulgados em eventos afins.

Em caso de necessidade de algum esclarecimento, em qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, ou para cessar a participação no estudo aqui proposto, a autora e a pesquisadora responsável por esta pesquisa, encontram-se disponíveis pelos seguintes telefones: (55) 99237001 (autora), (55) 9112.1327 (pesquisadora responsável).

Eu, _____, acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo, tendo ficado claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei

retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo.

Assinatura do professor-colaborador

Nº. de identidade

Declaramos, abaixo-assinadas, que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa para a participação neste estudo.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da autora

ANEXO B – Termo de Confidencialidade



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: A gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental

Pesquisadora responsável: Prof^a. Dr^a. Doris Pires Vargas Bolzan

Instituição/Departamento: PPGE/CE/UFSM

Telefones para contato: (55) 99237001 (autora) e (55) 9112.1327 (pesquisadora responsável) e 3220.8023 (PPGE).

Endereço: CE/UFSM - Sala 3336B - sala da pesquisadora responsável

Local da coleta de dados: Escola Municipal de Ensino Fundamental Diácono João Luiz Pozzobom.

Autora: Barbara Schizzi

Os pesquisadores do presente projeto se comprometem a preservar a privacidade dos colaboradores cujos dados serão gravadas em áudio durante a entrevista semi-estruturada. Concordam, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas na sala número 3336b, Centro de Educação da UFSM, por um período de cinco anos sob os cuidados da pesquisadora responsável Prof^a Doris Pires Vargas Bolzan. Após este período, os dados serão destruídos. Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ___/___/___ com o número do CAAE _____

Santa Maria,

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO C – Autorização Institucional

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, prof^a. _____, diretor(a) da(o) _____, autorizo a pesquisadora Barbara Schizzi, sob a orientação da Pro^a. Dr^a. Doris Pires Vargas Bolzan a realizar a sua pesquisa intitulada “A Gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental” vinculada ao Curso de Especialização em Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria. A referida pesquisa tem como objetivo: Compreender como acontece a gestão do ensino da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental e será desenvolvida a partir de entrevistas com professores atuantes nas séries iniciais e na equipe diretiva da escola.

Santa Maria, 19 de maio de 2011

Diretor(a)